

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

RAOUF SYKORA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – 30 Anos de Bio-Manguinhos

Entrevistado – Raouf Sykora (RS)

Entrevistadores – Carlos Fidelis Ponte (CP), Claudia Trindade (CT) e Wanda Hamilton (WH)

Data – 27/07/2005 e 01/08/2005

Local – Rio de Janeiro/ RJ

Duração – 2h56min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SYKORA, Raouf. *Raouf Sykora. Entrevista de história oral concedida ao projeto 30 Anos de Bio-Manguinhos*, 2005. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 77p.

Resenha Biográfica

Raouf Sykora nasceu em 1953, na cidade de Barbacena, no Estado de Minas Gerais. Graduou-se em veterinária, em 1978, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Especializou-se em virologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em 1989. É vinculado, desde 1995, ao Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos – Bio-Manguinhos, onde atualmente é chefe do Departamento de Produção de Reativos para Diagnóstico

Sumário

Fita 1

Origem familiar; a decisão de seus pais virem para o Brasil; a opção pela veterinária; o primeiro estágio como estudante de veterinária, no Instituto Nacional de Proteção Animal; o ingresso no Instituto Estadual de Saúde Louis Pasteur (IESP), atual Noel Nutels, em 1978; a graduação em veterinária na Universidade Federal Rural; as atividades realizadas pelo IESP; seu trabalho no biotério da instituição; o estágio de um ano em Bio-Manguinhos, para trabalhar de cultura de células de vacina antipólio; o controle feito nos animais utilizados pelo IESP; da interface entre o Noel Nutels e demais setores públicos responsáveis por vigilância sanitária e epidemiologia; sobre seu treinamento para fazer diagnóstico de Aids, nos anos 80; o trabalho como consultor temporário da OMS; os esquemas de falsificação de testes de HIV; a chegada no Departamento de Qualidade da Fiocruz; a implantação dos testes de Aids em hemocentros; a falta de informação, naquela época, sobre as formas de contaminação pelo vírus da Aids; a questão da eficácia dos kits para diagnóstico de Aids.

Fita 2

Sobre o seu trabalho no Programa DST-AIDS; as atividades do controle de qualidade de testes para diagnóstico de HIV; a avaliação realizada nos laboratórios que faziam testes para HIV; considerações sobre qualidade os kits para diagnóstico atualmente; do fato do Brasil estar antenado às discussões internacionais sobre AIDS e ser pioneiro em garantir gratuidade para a realização de importantes exames para indivíduos soropositivos; sobre o caráter educativo que o programa DST-AIDS também exercia sobre os produtores de kits e os laboratórios públicos que os utilizavam; sobre a avaliação externa de qualidade feita hoje no Brasil pelo DST-AIDS; do fato de Bio-Manguinhos ser o produtor de kits e dos painéis de avaliação para a ANVISA e para o Programa Nacional DST-AIDS; o trabalho do controle de qualidade de Bio-Manguinhos para a avaliação dos kits e painéis produzidos pela Unidade; sua ida do Noel Nutels para o Controle de Qualidade de Bio-Manguinhos, em 1995; sobre o Controle de Qualidade de Bio-Manguinhos quando de seu ingresso na instituição; dos problemas ocorridos no laboratório de liofilização; do início da preocupação de Bio-Manguinhos com a validação de seus equipamentos e processos; sobre ter assumido, em 1995, a chefia do Departamento de Produção de Reativos; da introdução dos POPs (Procedimentos Operacionais Padrão) em Bio-Manguinhos, em 1998.

Fita 3

Da introdução dos POPs nas diversas áreas de Bio-Manguinhos; as diferenças entre as áreas de Controle de Qualidade e da Garantia da Qualidade em Bio-Manguinhos; da separação do setor de Controle de Qualidade e produção de Reativos; seu vínculo empregatício com o Noel Nutels e a cessão para Bio-Manguinhos; os testes para estabelecer a validade de um produto; o setor de pós-marketing de Bio-Manguinhos; comentários sobre as reações adversas decorrentes do uso da vacina de febre amarela; sobre não ter participado sobre as discussões em torno da eleição ou não de diretor para Bio-Manguinhos, por não ser funcionário; sobre a gestão Marcos Oliveira; a aprovação, em 1º lugar, no mestrado profissional de Bio-Manguinhos; a transferência para a chefia do Departamento de Produção de Reativos; da

admiração pela competência do colega de trabalho Antonio Gomes; a dificuldade para conciliar mestrado e trabalho; a divisão do Departamento de Reativos entre Produção e Desenvolvimento; a necessidade de comunicação constante entre os chefes dessas duas áreas; considerações sobre o desenvolvimento de reagentes em escala industrial; do grande peso que a área de reagentes ocupa em Bio-Manguinhos; os kits para diagnóstico produzidos por Bio-Manguinhos atualmente; sobre os testes rápidos, atualmente em processo de transferência de tecnologia; sobre a concorrência mundial pelo mercado de testes rápidos; considerações sobre o papel do mestrado profissional de Bio-Manguinhos para os seus funcionários; as perspectivas na área de desenvolvimento e produção de reagentes e kits para diagnóstico; considerações sobre os aspectos políticos envolvidos na gestão de Bio-Manguinhos.

Data: 27/07/2005

Fita 1 - Lado A

WH – Hoje é dia 27 de julho de 2005. Estamos aqui Cláudia Trindade, Carlos Ponte e eu sou Wanda Hamilton, entrevistando Raouf Sykora. Esta é a nossa primeira entrevista com ele. Raouf, a gente costuma começar perguntado sobre a tua família. Teu pai, tua mãe, em que colégio que você estudou, onde você nasceu. Essas coisas assim, para a gente poder situar a pessoa que a gente está entrevistando, nesse caso você, nesse mundo que a gente vive.

RS – Bem, minha mãe é egípcia, meu pai é austríaco, então se conheceram no Egito.

WH – Seu pai foi parar no Egito como?

RS – Porque meu pai era oficial inglês. Porque na época da Guerra, o que é que aconteceu? Ele era militar austríaco, mas quando Hitler invadiu a Áustria, ele e mais cinco oficiais eram contra o regime nazista, e seguiram o mesmo caminho que a *Noviça Rebelde*. Quem viu aquele filme do capitão lá, a mesma história do meu pai. Fugiram para Iugoslávia, foram parar na Inglaterra, aí como o botaram nas Forças Especiais, que é a *Especial Force* lá da Inglaterra, ele seguiu carreira militar. Aí Rommel estava no Egito, aquela confusão toda. Estavam atrás dele, ele como oficial... Ele virou oficial inglês, na época era capitão. Aí foi para o Egito, minha mãe é egípcia, estava lá, aí se encontraram no hotel. Começaram a namorar.

WH – Sua mãe fazia o quê?

RS – Minha mãe era...

WH – Filha.

RS – Filha, né?

WH – Estava acompanhando os pais.

RS – Meu avô, é. Porque meu avô era engenheiro, não, advogado no Canal de Suez. Então quer dizer, ela estava nesse hotel lá.

WH – Acompanhando o avô.

RS – Isso. Com o meu avô e tudo mais, né?

WH – Mas ela é da onde? Ela é do Cairo?

RS – Não, de Ismailiya. O nome lá da cidade dela. Só que com essa coisa de o meu avô ter que ficar no Cairo fazendo o negócio...

CP – Do Canal...

RS – É. Era o escritório do Canal de Suez lá. Aí ela conheceu o meu pai, bonitão... [risos]. Meu pai era europeu...

WH – Apaixonou-se automaticamente!

RS – [risos] Aí foi, aí se casaram lá.

WH – Olha só, até aonde vai a sua origem!

RS – Nessa história toda vieram para cá.

WH – Peraí, “nessa história toda” como assim, vieram para cá? Por que o seu pai, militar, austríaco, que lutou na 2ª Guerra, que foi para o Egito, veio para o Brasil? Conte-nos por quê.

RS – Nesse meio ele já não era militar austríaco, era militar inglês.

WH – Inglês!?

RS – Exatamente. Aí conversando com a minha mãe e tudo mais e tal. Só que a Áustria já tinha sido destruída, a gente não pode esquecer que muitos austríacos foram mortos pelos ingleses. Porque eles lutaram junto com os alemães. Meu pai já não podia mais voltar para Áustria.

WH – Isso aí durante a Guerra?

RS – É, logo em 45 mesmo. Em 45 acabou a Guerra aí ele ia para Inglaterra. Já estavam casados. Minha mãe continuava no Egito, só que ele não... Como é que ele ia voltar para Áustria com um monte de parentes dele e de gente que ele conhecia e tudo mais? Aí eles foram mortos na Guerra, né?

WH – Mas se eu estou entendendo teve um conflito dele com a família na decisão que ele tomou.

RS – Deve ter tido muito conflito, exatamente, na hora em que ele fugiu.

WH – Você tem relação com a família dele hoje?

RS – Não. A gente não tem. Aí o que aconteceu nessa história toda? Ele não podia voltar para Áustria e o Egito era um regime... O Nasser, na época, era o presidente e era meio esquisito com os estrangeiros.

WH – Xenófobo.

RS - É, porque eles tinham aquela situação: francês e inglês, né? Só que o Nasser queria acabar com essa situação, queria que o povo mulçumano tomasse, sei lá, aquela situação para ele. Aí meu pai já não podia ficar lá! Minha mãe tinha que acompanhar o meu pai. Já tinha a minha irmã, minha irmã é egípcia. Só que o meu pai tinha uma tia que morava aqui no Rio. E o meu pai falou: “Bem, qual é o lugar?”. O país que está em desenvolvimento, não tinha problema nenhum, não sei quê, não sei que lá, patatipatatá... O meu avô tinha situação...

WH – Isso foi em que ano que ele veio para o Brasil?

RS – Minha irmã eu acho que tinha uns dois anos. Acho que foi em 47, 48. Eu nasci em 53, ela tem oito anos de diferença. Então deve ter sido em 50 ou 47, um negócio desses. Aí vieram para o Rio. Nisso que vieram para o Rio, como o meu pai, a família dele era de fazendeiros, onde é que estava a promessa, que tinha muito italiano, esse negócio todo? Em Barbacena. E ainda tinha o Bernanos, que é um escritor francês...

WH – Como?

RS – Bernanos. B-e-r-n-a-n-o-s. Era um escritor francês que tinha uma fazenda em Barbacena, queria vender essa fazenda. Aí o meu pai foi a Barbacena, o clima era bem legal, frio, no topo da Mantiqueira. Aí foi para lá com a minha mãe.

WH – Ele comprou a fazenda?

RS – Isso. Arrendou, que se chamava na época. Você arrendava a terra. Aí minha mãe veio com ele. Nunca tinha andado de charrete, nunca tinha andado no frio, estudou no Sacre Coeur, na França, aqueles negócios todos.

WH – Ela tinha uma formação européia, né?

RS – É, não era para cair no meio de uma fazenda.

CP – Ela falava francês.

RS – Falava francês e o meu pai inglês. Então, quer dizer, as línguas lá de casa eram inglês e francês. Ela falava em francês com a gente, a gente respondia em francês. Meu pai falava em inglês e a gente respondia em inglês. Nisso tudo, vieram para cá. Aí minha mãe tinha que ajudar meu pai. E o meu pai tinha que voltar para Inglaterra de tempos em tempos.

WH – Ele não abandonou a carreira militar.

CP – Não! Ele era adido militar. Quando o príncipe Charles veio para cá, ele fez a segurança do príncipe Charles, aquela vez que ele dançou com a mulata.

WH – Com a sambista, né?

RS – É, com a sambista.

WH – No Canecão, não foi?

RS – Ficou maluco! Não! Eu acho que foi lá mesmo. Foi lá na Mangueira. Meu pai ficou maluco com aquela situação! Para ele segurar. Minha mãe: “Não me pule em cima dele se alguém der um tiro! [risos]. Deixa os marmanjos fazerem isso! Você já está meio velho para pular em cima do cara!” Aí meu pai... Ele fez toda aquela farra, tudo mais. Aí ele foi para Barbacena, veio para cá. Depois vendemos lá, minha mãe fez Letras. Aí começou a dar aulas lá na *Maison de France* aqui, o meu pai abriu um curso de inglês e aí começou a se afastar.

WH – Sua mãe dava aula de línguas, de francês.

RS – De francês, francês. E o meu pai de inglês. Então ele abriu um curso de inglês. Ele já não era mais, já tinha sido...

CP – Desligado.

RS – ...desligado.

WH – Ele ainda recebe pensão, aposentadoria? Não.

RS – Não, não, já faleceu há uns três anos, entendeu?

WH – Mas ele mesmo desligado, ele recebia a pensão? Não.

RS – Não, desligado não.

WH – Não. Aí chegou, desligou.

RS – É. Porque ele não era – como eu vou dizer? – inglês, entendeu? Ele era um... Eles dividem muito lá, né? Tanto é que diziam lá: “Você não pode ser oficial porque você é estrangeiro”. Mas ele conseguiu chegar a coronel. Então, quer dizer, mas isso tudo separou a família. Então o lado egípcio ficou meio afastado. O lado austríaco mais ainda. Só que o lado egípcio, eu já fui quatro vezes lá, mas já não tinha mais ninguém. Da última vez foi para enterrar a irmã da minha mãe, a última.

WH – Da sua geração não tem ninguém?

RS – Não tem ninguém. Porque a minha mãe foi a única que, quando casou, teve filho. Uma casou e não teve filhos. E ficou por isso mesmo. Na Áustria ninguém tem notícia. E então aqui no Rio, casei, minha irmã casou. Minha irmã tem três filhas, eu tenho uma filha.

WH – Você tem filhos?

RS – Tenho, de dois anos. E a minha mulher também trabalha aqui, em Bio-Manguinhos.

CP – E então você foi criado nessa fazenda em Barbacena.

RS – Isso. Eu nasci em Barbacena em 53.

WH – E que mês, que dia?

RS – Novembro. 3 de novembro de 53.

CP – É por isso que você é veterinário?

RS – Uma das questões de eu ser veterinário foi essa. Justamente ter esse lado de terra, fazenda, bicho. Meu pai tinha criação de porco, criação de bovinos, então era legal.

WH – Quanto tempo eles tiveram essa fazenda?

RS – Uns 15 anos.

WH – Você cresceu, infância e adolescência ali.

RS – Não, não. Porque eles já tinham vindo com a minha irmã, então a minha irmã tinha oito anos aqui. Eles tinham 15 anos com essa fazenda, mas aí eu já estava com seis anos, sete anos. Foi quando a fazenda não dava mais dinheiro, então tinham que sobreviver. E meu pai ia muito para a Inglaterra.

WH – Início dos anos 60 isso?

RS – É, por aí. E meu pai ia muito à Inglaterra. Então tem uma história interessante. Minha mãe já andava de charrete. E como o meu pai não estava, ela já tinha dois filhos, como é que ela ia se defender? Então ela tinha um pastor alemão, que era o Balu.

WH – Era o?

RS – Balu, o nome do cachorro. O delegado tinha dado para ela um revólver, um 38, para ela usar: “Se entrar atira, depois a gente resolve”. E o meu pai antes de ir cercou o galinheiro todo com arame farpado. Só ela sabia qual era o caminho que você tinha que fazer para ir alimentar as galinhas.

WH – Feito um labirinto, né?

RS – Exatamente. De noite foi uma algazarra. As galinhas pulavam para um lado, pulavam para o outro, ela olhou pela janela, viu um monte de gente lá. Os ciganos estavam passando por lá e souberam que tinha uma senhora sozinha, com dois filhos, numa fazenda. Eles foram tentar roubar as galinhas e os porcos que lá tinha. Nisso o que aconteceu? Ela viu, abriu a porta – o Balu estava do lado dela – e os caras estava chegando para invadir mesmo o galinheiro. Ela pegou a arma e falou assim: “Olha, se vocês não saírem eu vou atirar!” Mas eram uns 15! E o Balu quieto. Só quando ela mandasse que... Ela olhou para frente e ‘bumba!’. Não sabe nem se pegou em alguém. Eles correram, correram para cima do arame farpado. Aí ela pega. Aí era bala para cima, cachorro para cima e arame farpado na frente.

Meu pai volta um mês depois. Chegou, olhou assim: “Vem cá, que bando de retalho”. Aquilo ali era para ficar camuflado, para ninguém ver que tinha arame farpado. De repente tem um monte de roupa no arame farpado! Um monte de retalho, um monte de não sei quê.

WH – Era a roupa dos ciganos.

RS – A roupa dos ciganos ficou agarrada.

WH – Tinha muita violência ali, muita invasão?

RS – Essa história é que eu sei. Devia ter, porque o delegado deu uma arma para minha mãe. Imagina, não tinha luz, no meio do mato, você tem que se defender, não é?

WH – E você veio estudar no Rio de Janeiro? É por isso que você veio para cá?

RS – Não, quando viram que fazendeiro não estava dando dinheiro, tinha que sobreviver, minha mãe fez um curso em Juiz de Fora, passou na prova de professora de francês. Aí meu pai veio primeiro, comprou um apartamento em Laranjeiras e nós fomos morar em Laranjeiras. Saímos do meio do mato, para ir para um apartamento.

WH – Como foi chegar no Rio de Janeiro?

RS – Mudou. Primeiro eu deixar meu velocípede... Essa cena eu lembro até hoje, deixei meu velocípede lá embaixo. Quando eu voltei, cadê meu velocípede?! Em 58 já tinham carregado o meu velocípede! No jardim do edifício! E aí a minha mãe: “Mas também, está pensando que está lá no meio da fazenda? Deixa o velocípede!” Isso em 58. Mas foi uma cena sabe? Eu me lembro até hoje dessa situação. Aí em 70... Aí eu fiz Franco-Brasileiro, na parte francesa, porque minha mãe só falava francês com a gente. Aí depois saí da parte francesa, aí viram que não adiantava nada, eu falando francês e mais francês, tinha que falar português! Aí me colocaram no Jardim de Infância e já comecei a falar português. Nem era Jardim, era já primário? Depois eu fui para o... Tinha o Admissão, né? Para mim foi uma guerra! Redação e português era uma tristeza, porque eu não conseguia montar uma frase que não tivesse o sentido em inglês, que era o meu contrário do francês, a mão inversa. Aí eu ficava mais perdido ainda para tentar achar! Aí eu falei assim: “Não, vamos tentar botar o francês junto com o português para não ter aquelas trocas de frases”. Tanto é que até dez anos atrás ou 15 anos atrás, tinham palavras que...

CP – Não vinham.

RS – Não vinham. Era coisa de criança mesmo, sabe? Era palavra que eu tinha que parar na conversa para eu poder pensar. Redação era triste. Eu não tinha... eu perdi aquela base que você aprende desde o maternal, jardim de infância.

WH – Você falava com a sua família em inglês e em francês, né?

RS – Isso. O meu pai era inglês.

WH – E amigos? Tinha amigos?

RS – Tinha, mas aí era aquele português que criança aprende, né? Mesmo você falando errado, o cara sabe o que você está falando. Mas essa foi a dureza.

CP – E os seus pais não falavam português?

RS – Falavam português, mas não dentro de casa, fora de casa. Tanto é que depois o meu pai voltou para Barbacena. Quando eu me formei em 78, ele falou: “Bem - minha irmã estava casada -, ele formado em Veterinária, deixa eu voltar para Barbacena”. Porque não tinha mais nada para fazer aqui, voltou para Barbacena, comprou um sítio, que tem até hoje, onde a minha mãe está. Então comprou um sítio lá em Barbacena, em 78. Tem dois anos que ele faleceu.

WH – Ele faleceu quando?

RS – 2002. Ele ainda ficou 25 anos. Mas aí sem produzir nada. Aposentado mesmo, fez para a família ir lá para descansar, para distrair e tal. Só que é longe para caramba, né? Então é difícil hoje com filha pequena. Inverno eu não estou indo, que lá está fazendo oito graus. O que vou fazer lá com oito graus com uma criança pequena, de dois anos, que aqui pega resfriado o tempo todo? Então não dá para ir. Então isso daí é mais a realidade de como foi feita a família. Agora, você fala: “Você tem família?” Não. Eu tenho algumas pessoas que restaram, entendeu? Isso aí eu estava até discutindo com uma amiga da minha mãe de infância no Egito. Porque eu falei: “Essas imigrações são boas até certo ponto”. Boas pela situação que você tem que resolver na hora, mas é ruim para quem vem de descendência porque você perde toda a tua história. Então, se você perguntar para mim: tem algum primo? Devo ter um monte de primo que eu não conheço.

WH – É. E aqui no Brasil você não tem.

RS – Tenho só as filhas da minha irmã, a menor tem 32. E eu agora com dois. A minha irmã tem três meninas, a Maria Eduarda, minha filha, com dois. Você vê a diferença. 30 anos de diferença. Quatro são do mesmo sangue. Então numa família com quatro descendentes. Ainda bem que é mulher, né! Se cada uma tiver três filhos, então já dá 12. [risos]. Já começa a populacionar um pouquinho. Mas o nome “Sykora” morre. Eu sou o último dos Sykora conhecido.

WH – Sykora é do seu pai, né?

RS – É.

CT – É austríaco, né?

WH – E você disse há pouco que por um lado você escolheu veterinária por conta dessa relação que você teve com sua fazenda em Barbacena. E por outro lado?

RS – Porque tinha um tio meu que foi ministro da saúde do Egito. Então na primeira e segunda vez que eu fui, ele queria que eu fosse médico. Então ele me levava lá para os hospitais lá no Egito, no Cairo. Porque ele era ministro da Saúde, então, eu circulei, né? Na época da guerra também...

WH – Esse tio era irmão da sua mãe?

RS – Irmão de criação. Porque ele foi adotado por meu avô. Ele era mulçumano, a minha família é católica, entendeu? Mas éramos super agarrados! Era uma família mesmo. E ele era doido que eu fizesse Medicina.

WH – E você foi para lá com que idade?

RS – Na primeira vez eu fui em 75. Deixa eu ver, 53, 75, com 22. Aí foi quando... aí foi tudo, ministro da saúde, então você entrava em tudo quanto é lugar, né? Mas aí eu já estava na Veterinária. Mas como dizer isso para ele? Ele não entendia por que eu queria fazer Veterinária. Ele queria que eu fosse médico, aí eu iria para lá, não sei quê.

WH – Você acabou trabalhando com Saúde Pública, de alguma maneira, não é?

RS – Aí depois, depois, no futuro eu falei: “Está vendo? Não deu nem o meu lado e deu o seu”. Porque eu fui para o Noel Nutels, né? Aí, quer dizer, no Noel Nutels eu entrei na pesquisa, depois eu fui para a virologia, depois fui chefe. Então tudo ligado à saúde, ele chegou a conhecer onde eu trabalhava.

WH – Ele veio aqui?

RS – Veio. Ele vinha muito ao Brasil, né? Ficava lá em casa. Mas são poucos.

WH – Mas então você decidiu fazer Veterinária, como é que foi a faculdade? Você tinha já alguma idéia de alguma área que você queria trabalhar, alguma especialização dentro da veterinária?

RS – Meu pai sempre teve um sonho de voltar para Barbacena e ele falou: “Quando você se formar a gente volta, compra alguma coisa”. Eu acho que isso que ia ser feito se eu não tivesse sido chamado num estágio que eu estava fazendo no INPA em Copacabana, numa clínica veterinária.

WH – No?

RS – INPA. Instituto Nacional de Proteção Animal. Fica na Santa Clara. Até hoje existe. E eu estava fazendo estágio. Aí os veterinários eram gente antiga, eles eram todos militares, eram daquela Escola de Veterinária aqui em Benfica.

WH – Como era o nome?

RS – Escola Veterinária do Exército. Então todos eram militares. Um desses sócios da clínica, o coronel Alcir, foi chamado para trabalhar no Estado, mas só que ele já tinha passado dos 50 anos. Aí, como eu estava estagiando, ele falou assim: “Você é veterinário. Estão precisando de veterinários lá no Estado. Você não quer ir lá?” Não era concurso, não era nada, aí fui. Entrei em agosto de 78 no Noel Nutels, que era Instituto Nacional de Saúde Pública Louis Pasteur, na época. Aí eu fui para lá. Aí todos os planos de eu voltar para Barbacena...

WH – Foram mudando.

RS – Foram mudando. Meu pai seguiu o rumo dele, porque não agüentava o calor.

WH – Você fez a graduação na Federal, né?

RS – Isso, na Rural.

WH – Na Rural.

RS – Isso. Aí no meio que eu estava na faculdade, ele já estava vendo para eu ir. Aí eu viajei muito, cada ano que passava eu ia para o Egito, aí ele: “Agora vai para a Áustria”. Mas na Áustria eu não tenho família nenhuma. Só para conhecer mesmo.

WH – Você não chegou a procurar, não tentou?

RS – Não, porque não tinha ligação nenhuma. Aí nós fomos para Inglaterra e já tinha gente, era todo aquele tio postiço. Uma noiva da época que ele fugiu e chegou à Inglaterra, virou minha tia postiça. Porque minha mãe ia para Inglaterra, ficava lá com ela. Aí, virou tudo tio postiço. Então eu tenho mais tio postiço do que outra coisa, entendeu? Primo postiço... mas ninguém assim de sangue. Aí eu fui umas duas ou três vezes para a Inglaterra, ficava lá com eles nas férias grandes. Antigamente tinha três meses de férias, uma coisa assim.

WH – Você estava dizendo que você entrou para a faculdade, na Rural, e lá você estagiou e através desse estágio...

RS – Não, não. Acabei a Rural, vim para o Rio. Porque na Rural você tinha que morar lá.

WH – Lá em Itaguaí.

RS – Isso. Aí depois eu arrumei esse estágio.

WH – Depois que você terminou é que arrumou esse estágio.

RS – Isso, arrumei esse estágio. Quando terminei esse estágio, seis meses depois eu fui para o estágio.

WH – Te chamaram para onde hoje é o Noel Nutels.

RS – Isso.

WH – Agora, quando você saiu da universidade, Raouf, você já tinha alguma idéia de alguma área ou você estava assim, procurando?

RS – Não, eu ia para Barbacena.

WH – A idéia era voltar para Barbacena.

RS – Isso. Criar bicho.

WH – Então na verdade essa chamada para o estágio foi um desvio?

RS – Exatamente. Da idéia de todo mundo. A idéia era a família voltar.

WH – De trabalhar com fazenda, criação de gado.

RS – Isso. A idéia era essa. Aí desviou completamente. E aí virou lugar de veraneio e eu não fui para lá. [risos]

WH – Aí você vai trabalhar no Noel Nutels. Qual era sua atividade?

RS – Era IESP na época, né? Era IESP: Instituto Estadual de Saúde Pública Louis Pasteur.

WH – Era o Louis Pasteur, né? Quando muda de nome?

RS – Quando o Maurício [Andrade] foi para lá, eu não me lembro. Não me lembro. Não me lembro. Eu acho que não tem isso aqui não.

WH – Esse estágio foi quando?

RS – 25 anos. Acho que o Noel Nutels fez 20 anos ou 15 anos, há pouco tempo atrás. Foi uma coisa assim. Não me lembro certo.

WH – Mas você foi para lá em 78.

RS – 78.

WH – Quando você terminou a universidade, a faculdade.

RS – Isso.

WH – E que atividades você desenvolvia lá?

RS – Lá eu fui para área de Biotério. Fui ser veterinário no Biotério. Aí fiquei, se não me engano, três ou cinco anos. Aí eu fiquei até 82, quando eu vim para cá trabalhar com célula na vacina de pólio.

WH – Estavam implantando a produção da vacina?

RS – Isso, por isso que eles me mandaram para cá.

WH – Eu queria que você me explicasse como é que foi essa sua... Ou seja, você trabalhou esses quatro anos no Biotério, na criação de animais no Louis Pasteur, Como é que você soube, como é que você veio?

RS – Exatamente. Isso. Aí o que aconteceu? O Maurício... João...

WH – Maurício?

RS – Maurício... Para os nomes é que eu sou...

WH – Ele foi diretor do Pasteur?

RS – Foi. Ele é daqui da Escola Nacional. Maurício... não me lembro do nome completo. João Quental era o vice dele. João Quental que era...

WH – Era do Noel Nutels.

RS – Isso.

WH – Louis Pasteur.

RS – Isso. O João Quental também foi diretor daqui, de Bio-Manguinhos.

WH – De Bio-Manguinhos.

RS – Maurício... O outro nome eu não vou me lembrar.

WH – É um que tem uma barba, trabalhou em Bio-Manguinhos também?

RS – Isso, isso, isso! Era vice do João Quental.

WH – Era vice do João Quental. Eu sei quem é. Ele era diretor do Pasteur nessa época. Do Instituto Pasteur Louis Pasteur.

RS – Isso. Aí iam acabar com o Biotério. “O que vocês vão fazer com a veterinária?” Aí a Maria Genoveva von Hubinger – esse nome eu me lembro – Maria Genoveva von Hubinger que era...

WH – Tem trabalhos publicados com ela.

RS – Tem. Com ela aqui, tem. Ela era professora do Fundão. Ela era chefe do serviço de Virologia lá do Louis Pasteur. Eu falei para ela: “Poxa, estou saindo. O que é que eu

poderia...?” Ela era doutora e tudo mais, então tinha vários trabalhos publicados. Aí eu falei assim: “Bom, já que eu vou, vou para lá!”

WH – O que é que o Pasteur fazia?

RS – O Louis Pasteur, é o que dizem, era como se fosse um hospital de cardiologia. E no quarto andar era o necrotério, quem morria... Isso é que diziam. Depois virou um laboratório central. Então ele fazia todos os testes em todos os estados. Por exemplo, meningite, ia lá para o Pasteur fazer; pólio, ia lá. Então era um laboratório de diagnóstico mesmo! Quer dizer, Bioquímica, Parasitologia...

WH – Não tinha produção?

RS – Não, era só diagnóstico laboratorial mesmo.

CP – E no Biotério, o que é que você fazia?

RS – No Biotério, como eu era veterinário, tinha que manter os animais. Porque algumas técnicas de difteria eram feitas em cobaia, depois virou tudo método *in vitro*, que eu acho que é método *dielec*. Virou método *de dielec in vitro*. Então não precisava mais ter as cobaias. Os camundongos eram mais para pesquisa porque os recém-natos o pessoal usava para fazer o diferencial de coxsackie com pólio. Então eles inoculavam as amostras dos suspeitos de pólio nos recém-natos dos camundongos para ver se dava algum problema. Se não desse, então você fazia a diferenciação. Então tinha a coxsackie de pólio e Síndrome de Guillain-Barré. Eram os três que podiam ser diferenciais. E pólio ainda fazia a cultura de célula. E estava faltando justamente alguém para continuar a fazer a cultura de célula, porque a pessoa que estava lá estava sozinha e ele não queria mais trabalhar com cultura de célula, estava cansado. Aí a Genoveva foi ao Maurício. A Genoveva foi da turma do Doutor Akira e entraram em contato e o Dr. Vieira, que estava implantando – eu só sei o sobrenome dele, não lembro o nome todo não – estava implantando a pólio, onde a Malu...

WH – Entrou.

RS – Isso. Onde eu conheci Malu, conheci várias pessoas, foi nessa época. Ele era o chefe e era amigo da Genoveva. Aí a Genoveva conseguiu com o Doutor Akira e pelo Vieira que eu viesse aqui e fizesse um estágio em cultura de células, já que estava sendo implantada. Então eu ia pegar do zero, não ia pegar mania nenhuma, não ia ter vício nenhum que alguém já poderia ter tido lá no Louis Pasteur. E pegando uma tecnologia nova vindo do Japão. Então com todos os procedimentos e tudo mais. Foi o que aconteceu. Fiquei um ano aqui e voltei para lá, justamente para trabalhar com ela.

WH – Em cultura.

RS – Em cultura de células. Aí eu fui ser chefe de laboratório.

WH – Você veio fazer um estágio aqui, na verdade.

RS – Isso, isso.

WH – Se formar e conhecer essa técnica de cultura de célula.

RS – Mais aprimorado, mais aprimorado. Aí fiquei um ano aqui. Levei a técnica mais aprimorada para lá.

WH – O Pasteur era do governo estadual. Você chegou a fazer concurso?

RS – Não. Porque justamente chamaram um, esse não pôde, me mandaram. Aí eu fui e entrei.

CP – Uma curiosidade. Lá no Pasteur tinha controle sobre os animais? Algum tipo de controle dos animais que eram usados?

RS – Era o parasitológico e, semestralmente, pelo que eu me lembro, semestralmente a gente fazia parte de hemograma. Porque os camundongos... na época eu até trabalhei com isso num lugar aqui, tinha pesquisa para alimento irradiado. Então tinha...

WH – Pesquisa com?

RS – Alimento irradiado.

WH – Alimento irradiado.

RS – Isso. E era com feijão. E você tinha que ver a parte de hemograma, leucócito e hemácia, e, ao mesmo tempo, você tinha que ver os fetos. Eu acho que com 16 dias a gente abria as fêmeas... [interrupção da fita].

[trecho gravado somente em formato digital]

RS – ... e esses fetos estavam [inaudível] não tinha problema. Isso era um acordo com a agência austríaca.

Fita 1 - Lado B

WH – Agência austríaca?

RS – É. Porque pelo que eu me lembro, o Dr. Byron era coronel na época, veterinário. Então era da... Como é que era o nome daquele instituto? Esse instituto famoso que mexe com radiação, fica ali na Urca. Centro de Pesquisa... era um centro grande aí na Urca que só mexe com essa parte de radiação. E aí havia um acordo com essa agência austríaca. Aí o que se fazia? Irradiava, esse irradiador estava aqui no Exército. Não, estava no Fundão. Levava o feijão para lá, irradiava o feijão, depois dava para os camundongos. Porque era naquela época, você perdia muito vegetal porque ele brotava. Quando feijão, batata, brotam, perdem todos os seus nutrientes, né? Então era para justamente evitar que houvesse brotamento.

WH – Do grão, né?

RS – Exatamente. Então isso aí a gente fez durante muito tempo. E nessa época você fazia controle da parte de hemograma: leucócito, hemácia e tal, dos camundongos.

CP – Mas não tinha um controle anterior, tinha?

RS – Não, anterior não. Só das cobaias que a gente fazia parasitológico, semestralmente tinha que dar vermífugo, aqueles negócios todos. E quando morria você tinha que fazer o histopatológico. O laboratório tinha uma seção anátomo-histopatológica, justamente para no caso de camundonguinho com suspeita de coxsackie ou pólio, você também mandava para lá o histopatológico para ver se aparecia lá uma lesão característica.

WH – E esse laboratório fazia todo o tipo de diagnóstico ou tinha alguma especialização?

RS – Não. No que eu fui parar, que era o de Virologia, fazia pólio. Eu acho que era só a pólio. Eu acho que ele foi feito só para pólio e coxsackie, na época, né? Depois é que começaram a entrar as outras viroses. Aí veio a rubéola, Aids, HIV, dengue, aí cada um vem trazendo... Cada uma que aparecia vinha sendo incorporada.

WH – Cada uma que aparecia como?

RS – Cada virose que aparecia ia sendo incorporada aos poucos no Noel Nutels para ser realizada.

WH – E toda essa parte de reagentes e kits, qual era a origem desses equipamentos?

RS – Antes, muitas coisas de dentro da Fiocruz, como, por exemplo, as lâminas de imunofluorescência vinham de Bio-Manguinhos, como até hoje. A parte de *Western-blot*, *kit* de HIV, *kit* de rubéola, isso aí vem pelo governo do estado. E programas, por exemplo: programa... dengue, muitos *kits* de *Elisa*, *Mac-Elisa*, teve uma época que vinham direto lá de Belém. Porque lá é o centro dessa parte com o Dr. Linhares, era um centro de referência nacional, né? Então eles bolaram um *kit*, desenvolveram esse *kit* e a gente mandava para todos os laboratórios centrais, para ter um mesmo tipo de resposta, para não ter cada um usando um *kit* com uma sensibilidade diferente do outro, que desse resultados diferentes.

WH – Padronizar.

RS – Exatamente. Aí a vigilância ser meio que difícil de entender. Se um teste fosse mais sensível que um outro, iria dar resultados diferentes. Se desse um falso-positivo, você ia dizer: “Não, 300 casos”. Não eram 300 casos, na realidade eram 100. Só que 200 deram falso-positivo por causa da sensibilidade do *kit*.

WH – O laboratório fazia toda essa parte de diagnóstico? Quer dizer, era uma demanda dos hospitais públicos, não é isso?

RS – Tudo público. Municipal, estadual.

WH – Você falou em vigilância e eu queria te perguntar se tinha alguma interface com setores de Vigilância Sanitária, de Epidemiologia?

RS – Epidemiologia, direto.

WH – Ali, no próprio laboratório?

RS – Não. Você enviava para a Secretaria da Saúde. Tanto é que essa parte de comunicação era meio complicada, porque não era como hoje, computador. Então eram fichas e fichas você fazia, via e enviava e tal. Até aquilo ser processado era... uma epidemia de dengue. Então, o pessoal confundia teste com... porque dengue você chega e vê: é dengue 1 circulando? Eles não paravam! Então a clínica já ajuda, né? Não, continuavam mandando, aí você já colhia o sangue da pessoa e tinha que fazer o teste. Mas já sabia qual era que estava circulando, em vez de esperar um outro local mais... “Ah, Alto da Boa Vista, ainda não teve. Teve o primeiro caso?” Então vamos colher dessas pessoas e vamos ver quantas é dengue 1, acabou. “É tal, tal?” Mas não, no mesmo lugar, colhia três mil, quatro mil, cinco mil, seis mil. Aí você tinha que gastar reagente onde não precisava! Já estava lá determinado que naquela área toda era dengue 1 que estava circulando. E o resto era pessoas que tinham aquela sintomatologia. Não era caxumba, né? Era dengue.

CP – Isso era enviado para Secretaria de Estado e a Secretaria de Estado mandava para o governo federal?

RS – Acho que parava mais na Secretaria do Estado, né? Claro que eles deviam mandar relatório para o Ministério da Saúde. Dali para frente é assim que funciona. O estado, o Noel Nutels, manda o relatório, diz quantos casos têm, esse aqui manda para Secretaria de Saúde e a Secretaria de Saúde informa ao Ministério da Saúde.

WH – Eles estavam brigando para ver se o mosquito é federal, estadual ou municipal, né?

RS – Exatamente.

WH – Não foi nessa época?

RS – É, exatamente. Quem é que ia fornecer os *kits*?

WH – Vocês também tiveram esse problema dentro no laboratório?

RS – Tivemos, tivemos. Por isso que eu falo, chega uma hora a pessoa está gastando dinheiro desnecessário. Porque você já sabe o que está circulando. Tanto é que no outro ano vem o dengue 2 e depois vem o 3, né? Esse eu peguei. [risos]

WH – Pegou no seu próprio corpo.

RS – Esse foi brabo. Foi quando meu pai morreu. Foi em 2002. Eu nem fui ao enterro, é interessante também. No dia que eu peguei, no dia seguinte a minha mulher: “Acorda, acorda, você tem que ter coragem!”, “Que coragem! Eu estou todo arrebitado aqui!”

WH – Dizem que é horrível, né? É muito ruim.

RS – Dói até a alma. Aí foi que ela contou: “Teu pai faleceu”, “Sinto muito, mas daqui não saio”. Chorando, aquele desespero todo, não sei quê, mas não consegui. Foi a família toda, eu fiquei com a minha cunhada. Não conseguir ir. Tanto é que isso é uma coisa interessante. Até hoje, quando eu vou para Barbacena, eu penso que meu pai está me esperando. Porque eu não tive a imagem dele morto.

CP – Não realizou.

WH – E aí você ficou até quando? Aí já no Noel Nutels, já se chamava Noel Nutels, né?

RS – Aí era Noel Nutels e tudo mais. Aí veio a época do HIV. Aí eu fui o primeiro treinado em HIV.

WH – Eu vi, você foi para os Estados Unidos, eu acho. Fez treinamento aqui também.

RS – Também. Aí depois disso em 95 é que eu vim direto para cá.

WH – Você foi treinado para fazer diagnóstico de Aids, é isso?

RS – É.

WH – Pela OPAS, né?

RS – Isso.

WH – Isso em 86. Tem uma referência aqui no seu currículo.

RS – Isso.

WH – Você foi para os Estados Unidos? Como é que foi essa... Não foi nos Estados Unidos isso?

RS – Não, essa daqui não. Essa daqui foi aqui.

WH – *International Workshop...*

RS – Essa aqui foi aqui. Aqui na Fiocruz mesmo. Com o Bernardo, Dr. Bernardo Galvão, lá na Imunologia. Juntaram um monte de técnicos da América do Sul, alguns vieram de outros locais sem ser da América do Sul. E aí viemos fazer um curso aqui. Foi uma semana, eu acho que foi uma semana.

WH – Isso para implantar a metodologia do diagnóstico de Aids lá no Noel Nutels.

RS – Isso. No Noel Nutels. Já estava implantado. Porque isso daí teve de fazer rápido. Antes do curso eu já tinha vindo para cá em 82 e 83. Acho que era 83, mais rápido...

WH – Como é que foi essa relação? Quer dizer, para além da relação pessoal, né? Você falou que a diretora da Virologia era da mesma turma do Akira.

RS – Isso. E do dr. Vieira também.

WH – Para além dessa relação pessoal, né?

RS – Como é que é feito?

WH – Como é que era feita essa relação?

RS – Essa parte do HIV foi fácil.

WH – Pois é. Com Bio-Manguinhos, com a Fiocruz, que relação era essa?

RS – Secretaria de Saúde. Porque os laboratórios de referência estão aqui dentro. A maioria. Na parte de HIV só o Dr. Bernardo Galvão que estava fazendo esse teste. Então ele tinha a imunofluorescência que veio trazida lá da Inglaterra. Então tinha de ser treinado alguém. Como eu falava francês e inglês: “Você vai trabalhar com HIV. Então vai ter que ir lá ver como é que faz a técnica e tudo mais”. Aí eu vim para cá, fiquei três meses vendo toda... Era imunofluorescência, *Dotblot*... Depois é que vieram os Elisás e tudo mais. E precisava de HIV, que era o confirmatório. Então, por quê? A Secretaria de Saúde que solicitou ao laboratório central que tivesse um técnico que falasse línguas e pudesse vir aqui e ser treinado com o Dr. Bernardo Galvão.

WH – Isso em 92.

RS – Não. Isso em 86, por aí.

WH – 86.

RS – Isso. Antes do curso. Porque aí já depois veio o curso, porque aí começou a explodir, pipocar para tudo quanto é lado o HIV.

WH – É, 86 é o começo aqui no Brasil, né?

RS – É. Foi a encrenca maior, né?

WH – Quando começam a aparecer casos mesmo.

RS – É. Aí tinham que ser diagnosticados, né?

CP – Deixa só voltar a uma coisa rápida, assim, curiosa. Quando você vem aqui, a primeira vez, em 83.

RS – 82.

CP – 82.

RS – É para pólio.

CP – Para pólio. Vocês estavam implantando... você até falou que agora...

RS – Vacina antipólio.

CP – Exatamente. E aprender uma coisa nova.

RS – Isso. Cultura de célula. Porque na época, como é que era feito? Você tinha a célula, mas não sabia da onde vinha a tripsinização, como é que vinha aquilo. Como tirava o rim do macaco. Na época a gente tinha macaco aqui. Quer dizer, é para ver desde o começo da etapa até a utilização da célula. Ou seja, tudo padronizado. Sem que você fira a célula, machuque a célula, sem que você tenha o efeito citopático que não seja aquele que deveria ser no vírus, entendeu? E sim por algum erro técnico seu, alguma coisa que você fez e deixa a célula atóxica. Entendeu? Então era tudo bem padronizado. Foi quando começou tudo a ser bem padronizado.

CP – Pois é, exatamente o começo aqui também, né?

RS – Exatamente. Para pólio.

CP – Para pólio.

RS – Porque já tinha a de sarampo que já era feita também, mas com a parte de fibroblastos, dos...

WH – Parte?

RS – Dos ovos, né? Já tinha febre amarela. Tinha o ovo e pegava o embrião do pinto. Aqui não. Aqui já era a célula do embriozinho mesmo. Então, quer dizer, você pega, por exemplo, a de sarampo.

CT – Bom, deixa eu só entender, continuando o que a gente estava falando. Seu vínculo continua sendo com o Estado e você volta para ser chefe de seção de cultura de tecidos.

RS – Isso.

CT – E logo depois aqui, como a gente estava vendo no seu currículo, tem um cargo de consultor temporário na OMS.

RS – Isso. O que foi que aconteceu nessa situação? A OMS veio contratar gente para trabalhar. Aí já é virado para o HIV. Tinham que ser feitos 300 centros de testagem anônima. E o que precisaria para fazer esses 300 centros de testagem anônima? Então foram vários técnicos do estado contratados para isso. Então fui eu, foi o Oscar Jorge Berro, foi... – agora me lembrar dos nomes vai ser brabo – tinha mais dois da Secretaria de Saúde, Álvaro Matida... eram uns dez. Então nós trabalhamos para fazer projetos para montar 300 centros de testagem anônima no Brasil. Tanto é que dois foram montados no Rio de Janeiro. Na minha época, não sei se tem mais. O Hospital São Francisco, que foi o primeiro hospital centro de testagem e o de Botafogo. E aquele de Botafogo...

CP – O Rocha Maia.

RS – Exatamente. Eram os dois, os dois mais famosos.

CT – Então você tinha feito já o...

RS – É, a gente conseguiu mapear o que era preciso para um laboratório que ia fazer isso, os profissionais necessários para... Teria um médico, teria psicólogo, teria um técnico... Como seria essa abordagem?

WH – Isso são normas para o funcionamento?

RS – A minha parte foi de laboratório.

WH – De laboratório.

RS – Exatamente. Teve gente que...

WH – Vocês trabalharam na definição de normas?

RS – É. Ver o que ia precisar. Vai precisar de uma máquina, vai precisar disso, precisar daquilo? Uma mesa, um computador, um atendente? Como é que ia se dar a resposta? Tem que ter um psicólogo do lado? Então como é que é feito esse teste? Você chega, é anônimo. Então você chega não se identifica, não faz nada, só dá o braço, vai lá, depois volta, resultado positivo, negativo, né? Era assim que era feito. Agora, só que como você vai dizer isso? Alguém tem que [inaudível]: “Bem, seu resultado deu problema”. Então você tem que ter alguém para segurar as bordas, porque muita gente queria sair dali e se matar! Aí começou a ter certas leis que diziam assim: “Se você é HIV positivo você pode tirar seu fundo de garantia, pode tirar não sei quê”. Quando era autônomo o que você fazia? Você ia, tirava, você era positiva. Só que mais tarde, você chegava, pegava a carteira de identidade dela, aí você já tinha o resultado positivo. Ia para o LACEN, ela pegava o resultado da carteira dela, ia ao LACEN como sendo você, chegava lá e já era com o nome certinho, bonitinho, só que a carteira falsificada. Aí você ia lá, dizia que era positivo, tirava o fundo de garantia, seis meses depois você voltava...

CP – O próprio não tem...

RS – Aí aqueles escândalos que davam! Aí nós conseguimos ver fichas falsificadas, meu carimbo falsificado, minha assinatura falsificada.

WH – Montou-se todo um esquema de falsificação, de corrupção em torno disso.

RS – Exatamente.

WH – Olha só! Eu não sabia disso. Mas tinha gente de dentro do laboratório?

RS – Isso era só [inaudível] com duas fichas, uma ficha assim dizendo que um cara era positivo, o outro negativo. Tinha um que dizia que era um milagre. Outro falou que a religião que salvou ele. Cada um jogava para um lado assim para puxar fiel.

WH – Mas dentro do laboratório tinha também gente?

RS – Não, porque o soro é que chegava! Porque você colhia o soro em tal lugar, o soro é que chega no laboratório. Aí vem o soro e a ficha. Por exemplo: ela fazia, né? O soro dela tal...

CT – Identificado por numeração.

RS – Exato. [inaudível] entrava, vinha com a ficha. Você mostrava a tua carteira de identidade. Só que você tinha o resultado já positivo. Só que você queria dizer que era negativo, para chegar para família: “Ó, foi um erro lá, não fui eu, não sei quê”. [risos] Só que você já tinha pegado o fundo de garantia, já tinha gastado, ainda criava um quiproquó danado, não sei quê, não sei que lá!

WH – Isso deu alguma consequência lá para o laboratório?

RS – Não. Só que caiu na mídia, né? Pô, como é que o cara sai com um negativo e de repente é positivo, o cara sai com positivo e de repente é negativo?! Teve várias histórias em cima disso. Chegava a falsificar carimbo mesmo, né? Falsificar carimbo é mole! Você pega o cara que falsifica carimbo, vai a qualquer lugar, o cara faz um carimbo igualzinho para você. Pega a ficha, apaga ela toda, tira xerox – e antigamente não tinha computador, era impresso, era xerox. Então vinha aquela ficha toda borrada.

WH – Como foi sua volta? Vocês querem fazer mais alguma pergunta sobre esse período?

CT e CP – Não.

CT – Queria mapear só. Porque ele em todos os momentos ele está vinculado...

RS – A cada crise, eu estou vinculado a cada crise. E em cada crise eu estou vinculado numa passagem para cá. Cada volta minha é uma crise, uma coisa que foi necessária em algum canto, né?

CT – Você estava o tempo todo vinculado ao Noel Nutels, ao Estado, né?

RS – Isso. E depois teve o Bronstein também, né?

CT – Ah, tá. Mas isso aí você vem para Fiocruz, volta, mas tudo é uma demanda do Estado. A OMS também e todas as outras passagens relativas à Aids e tudo mais.

RS – Isso.

CT – Como é que você chega à Fiocruz enfim, agora? Porque isso a gente já passou aqui a 92, a OMS e tudo mais, você já está trabalhando na parte de diagnóstico sempre. Como é que você chega na Fiocruz no Departamento de Qualidade?

RS – Isso. Porque tem uma época da minha vida que não me lembro onde está que eu fui ser do comitê do Controle de Qualidade do Programa Nacional de DST-AIDS. Então tem várias pessoas que estão envolvidas com isso. Sou eu, Antonio Gomes, José Pinto, Oscar Jorge Berro e todos esses faziam parte desse comitê. E por eu ter passado aqui várias vezes – indo e vindo, indo e vindo – criei muitas amizades aqui que me conheciam. Então, quer dizer, eu já estava muito envolvido com qualidade, né? Eu já era chefe do Departamento de Virologia lá do Noel Nutels, de seção passei para... Genoveva se aposentou, entrei no lugar dela, então começou aquele ‘bam-bam-bam’ da qualidade, Garantia da Qualidade, Qualidade Total.

WH – Isso é um tema que aparece em que época?

RS – Acho que nos anos 94, 95.

WH – Meados da década de 90.

RS – É.

WH – Como é que ele aparece, como é que surge esse tema nesse momento?

RS – Por causa desses resultados. Justamente por causa desses resultados malditos, que uns deram positivo, outros deram negativo.

WH – Pois é, vê se eu entendi. Porque você estava dizendo que o tema do controle da qualidade...

RS – Nessa área de diagnóstico.

WH – Nessa área, aparece quando tem uma crise, quando tem uma falha no sistema?

RS – Um desvio.

WH – Um desvio, não é?

RS – Nesta área foi. Então foi quando fizeram os fluxogramas de resultados: se der positivo, faz isso; se der negativo, faz aquilo outro; se der não sei o quê... Quer dizer, tinha todo um ritual para você apresentar o confirmatório para chegar para pessoa: “Não, você é positivo”.

WH – Teve diagnósticos, assim, além dessa fraude de pessoas falsificarem para pegar fundo de garantia, teve casos de diagnósticos equivocados? Pessoas, por exemplo, que eram negativo e que deu resultado positivo?

RS – Não. O que acontecia muito era o seguinte: pessoas iam doar sangue, foi quando começou o negócio do sangue. Iam doar sangue, dava positivo no sangue. Aí o cara desesperava. O que acontecia? Naquela época, se eu me recordo bem, dava até 20%, eu tenho que me recordar direito, porque eu fiz tanto trabalho que eu misturo as coisas. Alguns *kits* tinham uma sensibilidade que não era ainda aquela ideal, nem especificidade. Hoje em dia, para ter um teste no mercado, você tem que ter 100% de sensibilidade e mais de 99.5% de especificidade. O que acontecia? Os *kits* ainda não tinham esse indicador de qualidade. Então muitos davam falso-positivo e muitos davam falso-negativo. Então imagina você, o que o banco de sangue quer? Aí foi quando começaram aquelas situações. Bom, o banco de sangue quer pegar até resfriado. Ele não está se importando com o diagnóstico da pessoa, ele quer que a moça não passe contaminada. Então ele tinha um *kit* o quê? Altamente sensível, entendeu? Mas para o diagnóstico isso daí também não era bom. Por quê? Porque se você estivesse resfriado e desse positivo para HIV, dava uma encrenca. Então começaram a ter fluxogramas. Ou seja, se deu primeiro um muito sensível, vai se fazer um outro *Elisa* específico. Aí depois vinha, fazia um confirmatório. Aí sim, a pessoa saía com um positivo.

WH – Começou-se a padronizar nessa época, né?

RS – Exatamente. Só que tem um problema maior. Porque isso já não estava mais atendendo. Porque como é que você tem a certeza – aí entra a qualidade de novo – de que aquele sangue era seu e não de outro? Foi trocado na hora de rotular ou na hora de misturar?

WH – Aí tem que fazer a segunda coleta.

RS – Aí a segunda coleta. Aí foi implementando, amarrando cada vez mais, que daqui a pouco para o cara tirar, tira foto, bota junto do sangue. [risos]

WH – Tirava foto?! Não!

RS – Mas ia chegar nesse ponto, se os *kits* não melhorassem de qualidade como melhoraram.

CP – Se eu me lembro, assim, o caso que ficou público foi o tal caso do Betinho, dos irmãos...

WH – Dos irmãos do Henfil.

CP – É, exatamente. Quer dizer, na transfusão não havia controle nesse momento. Esse é dessa época?

RS – Foi.

CP – Quer dizer, não é só o controle de quem...

RS – Não. Isso foi do lado do diagnóstico, do lado do diagnóstico. Esse lado de controle da parte de hemocentros e tudo mais, aí é que foi mais brabo ainda. Já tinha um monte de...

WH – Passava por vocês, pelo Noel Nutels?

RS – Não. O próprio Hemocentro, ele tem o laboratório dele.

WH – Quando se implantam os testes de Aids no Hemocentro? A obrigatoriedade para doença de Chagas... Quando se instala isso aqui no estado?

RS – Foi logo quando começou a ter uma política de sangue, uma política dos hemocentros, né? Eu acho que foi nessa época dos primeiros casos de HIV positivo, que aí cercaram e botaram todos os testes. São oito, que eu me lembre: HIV, sífilis, chagas, HTLV, Hepatite B...

WH – Acho que para malária.

RS – Não.

WH – Malária não?

RS – Não. Depende do local. Hepatite B. O que mais? Tem mais uns três aí.

WH – Você participou dessa discussão de alguma maneira?

RS – HCV. Não, essa parte. Porque é tudo bem separado, essa parte de sangue da parte de laboratório central.

CP – Só para eu entender. Nos hemocentros havia um problema de negligência ou de falha do *kit* de diagnóstico que não identificava?

RS – Não. Nessa época não fazia HIV. Porque nessa época ainda não tinha casos aqui no Brasil, não tinha casos, não se sabia bem como é que era. Quando descobriram, já estava... Na época do Betinho os contaminados foram maioria. Então nessa parte de hemocentro mesmo, acho que deu um baque muito grande, sempre tinha um escândalo. “Fulano foi contaminado numa doação de sangue que fez na cirurgia há cinco anos atrás”. Lembra-se? Então começaram a rastrear quando é que o cara foi contaminado. Aí já não se sabia se o cara era homossexual, porque se o cara era HIV positivo era homossexual. Aí apareceram as mulheres. “Da onde surgiu isso então?”, “O marido era homossexual, era bissexual ou a mulher tinha pulado o muro”. Aí: “Não, mas ela fez uma cirurgia há quatro anos atrás”. Aí começaram a... Eu acho que foi o *boom* da história com os hemofílicos. Porque aí o pessoal: “Peraí, tem hemofílico também com HIV positivo, não sei quê”. A famosa Sandra Bréa também. Sandra Bréa também foi uma contaminação que chamou muita atenção, não é? Porque era da Globo, esse negócio todo. E depois os artistas de Hollywood, que também...

WH – E depois vinculado a drogas, uso de drogas.

RS – Depois começou. Agora, os primeiros mesmo foram os homossexuais, né? “A doença dos homossexuais”.

WH – É. Era o grupo de risco.

RS – Exatamente. “Como é que era isso? Da onde é que vinha?”, “É sexual, tudo bem”. [risos]. Tudo bem, aí esqueceram da parte danosa da situação. Aí foi quando, até chegar aí o negócio não corre tanto, né? Abafa dali, pega daqui, não sei o quê. Então, quer dizer, até hoje tem gente que é HIV e ninguém sabe porque morreu! Né?

CP – E controle de qualidade, DST-Aids, você foi por uma parte. Ele devia ser maior para controlar isso tudo.

RS – Para tudo. Porque aí o que é que aconteceu? Existiam vários locais no país que estavam fazendo. Então você tinha que saber qual era o *kit* que o cara estava usando. Estava usando um, o outro laboratório central estava usando um outro, outro laboratório estava usando outro. O que o Programa fez? Começou a fazer os programas nacionais de teste de proficiência, que são as avaliações externas da qualidade. Bio-Manguinhos produzia os panezinhos, mandavam para os laboratórios e eles mandavam o resultado de volta. Isso era para você ver o quê? O desempenho do *kit* de cada laboratório desses. Então ele tinha uma resposta: “Esse que você estava usando estava esquisito”. Então eles tinham como mapear como é que estava aquela situação em cada laboratório central. E o laboratório central, qual é a finalidade? Fazer testes de primeira linha. Não é para você botar numa rotina. Eles eram utilizados erradamente. Hoje em dia é mais [inaudível] carga viral, CD4 e CD8, coisa mais firme. Que o outro laboratório pode... não precisava fazer... Porque eu acho que o Brasil é o único país que faz carga viral CD4, CD8 e testes de HIV grátis para todo mundo na rede pública. Eu acho que não tem país nenhum que faça isso.

CT – E a que se deve isso?

RS – Acho que é o programa mesmo. A Lair Guerra, não é, que era a primeira, agora Pedro Chequer. Todo mundo trabalhava junto. Lair Guerra, Pedro Chequer, o Loures que é da Un aids

WH – Como?

RS – Loures.

WH – Loures? Que é de onde?

RS – É. Un aids.

WH – Un aids? O que é que é isso? É um programa de Aids?

RS – É, mas é mundial, né?

WH – É Organização Mundial da Saúde? É via OMS?

RS – É. Deve ser. Deve ser um ramo, né? Eles trabalhavam sempre juntos. Aí, a Lair Guerra teve aquele acidente lá em Recife, né? Aí entrou o Pedro Chequer que continuou o mesmo caminho.

CP – Como era a estrutura desse controle? Quer dizer, agora você vai se meter com Controle de Qualidade, né? Como é que era essa estrutura lá do DST-Aids? Como é que é? Você é chamado?

RS – Isso. Como eu era do laboratório central, lidava com essa parte de diagnóstico. Era uma das pessoas que tinha a ferramenta na mão, não é? Porque eu tinha os resultados...

[Trecho gravado somente em formato digital]

RS - ...dos testes, e o que aconteceu? Tinham que ser feitos os painéis. Nessa coisa dos painéis tem que ter o... [barulho de troca de fita no gravador]

WH – Vamos parar então? Não vamos conseguir terminar hoje. Você vê como a gente está indo.

RS – Não chegou no controle.

WH – Não chegou no controle e temos conversa para... Vamos parar agora e marcar para outro dia.

RS – [risos]

CT – Olha, vou desligar, hein?

Data: 01/08/2005

Fita 2 – Lado A

WH – Continuamos com o nosso sistema de vitelo e ovos embrionados, fazendo a transposição da tecnologia. Bom, deixa apresentar. Hoje é dia 1º de agosto de 2005, estamos fazendo a segunda entrevista com Raouf Sykora, por Carlos Ponte, Cláudia Trindade e eu, Wanda Hamilton. Raouf, na semana passada, você estava contando nós sobre o Programa de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids.

RS – DST-Aids.

WH – E o Carlinhos tem uma pergunta para te fazer.

CP – Você foi trabalhar na parte de Controle de Qualidade do DST-Aids. E aí, bom, mas eu acho que deve ter trabalhado numa parte...

RS – Embrionária.

CP – Dá para você descrever o que era esse programa de Controle de Qualidade no DST-Aids?

RS – O que aconteceu foi o seguinte: no início várias pessoas de várias áreas foram chamadas. Uma da Produção, que foi o Antonio Gomes; teve uma pessoa voltada a diagnóstico que éramos eu e o Luis Inácio... Como é o nome dele? Era o Lula, de Santa Catarina. Nós éramos da parte do diagnóstico. E tinha o Oscar que era...

CP – Oscar Berro?

RS – Isso. Que era da parte de gestão da coisa, que começou com a Miriam Franchini e com o José Antônio Pinto Ferreira, que trabalhou com a gente aqui também em Bio-Manguinhos e tudo mais. E eu fui chamado mais porque trabalhava no Noel Nutels e na parte de diagnóstico.

CP – Mas o programa era dividido entre diagnóstico...

RS – Isso. O que eles tinham que fazer na época? Fazer os testes painéis de proficiência, que era de desempenho de cada *kit* em diversos laboratórios. Como a minha parte foi mais voltada a como fazer esses painéis, que eram painéis de plasma, que vinham de bolsas de plasma de hemocentros, que nós tínhamos que converter eles para virarem... soros recalificados. Então nós tínhamos que tratar esses plasmas e para isso tinha que ter todo um trabalho de como fazer isso com bolsas de plasma. Como abrir, como pegar o produto no interior da bolsa sem ninguém se contaminar, com toda a parte de biossegurança. Então essa foi a minha parte. Foi a parte embrionária de que como utilizar o produto vindo já do Hemocentro. Porque é em bolsa, porque podia ter hepatite B, podia ter sífilis, podia ter HIV, podia ter HTLV e tudo mais. Então nós íamos fazer o primeiro painel, que era de HIV. Então

todas as bolsas que eram suspeitas de serem positivas para HIV eram enviadas ao Noel Nutels. Em cima disso, nós fazíamos esse tratamento e fazíamos o primeiro passo, que era ver se dava certo e tudo mais. Visto isso, veio aqui para Bio-Manguinhos. Aí eu já era Noel Nutels. Então eu incorporei o PNDST-Aids já para fazer a parte de um comitê onde nós avaliávamos os resultados do que era observado nos LACENs do Brasil. Então isso era enviado para os LACENs ou para outras instituições que conheciam esse trabalho e queriam fazer parte.

CP – LACEN é Laboratório...

RS – Laboratório Central.

CP – Os regionais.

RS – Isso, do país.

CP – Mas ainda voltando um pouco. Você tinha a parte de diagnóstico, você falou que tinha alguém de produção.

RS – Isso. Tinha pessoas de gestão, tinha pessoas da própria área de PNDST-Aids que é...

CP – PN?

RS – É Programa Nacional de DST-Aids, né? Tinha a Miriam Franchini que era a gerente dessa área de laboratório. Porque o Programa também tinha a área de laboratório, área de assistência, de prevenção e tudo mais. Então a área de laboratório, que era essa que a gente era ligado, a Miriam Franchini que era a responsável. Então tinha o Oscar Jorge Berro, o Antonio Gomes Pinto Ferreira, José...

WH – Antonio?

RS – Antonio Gomes Pinto Ferreira. Acho que vocês vão ter que fazer entrevista com ele também. O José Antonio Ferreira, eu, a Miriam Franchini e depois...

CP – Isso tudo na parte de diagnóstico? Laboratório e diagnóstico.

RS – Isso, tudo na parte de diagnóstico. A gente tinha que fazer esses painéis que estão até hoje. Até hoje. Parece que são trimestrais. Sai um painel trimestralmente no programa.

CP – Só para gente entender o que você fazia lá. Você falou que vinham bolsas que tinham suspeita de HIV, por exemplo.

RS – Isso, dos hemocentros.

CP – Como é que em uma bolsa suspeita? Algum teste anterior?

RS – Isso. Porque o que faz o Hemocentro? Você vai, doa sangue, tem aquela entrevista que te pergunta se você é de risco, se você já doou sangue. Aquelas perguntas todas para fazer uma triagem, né? E naquela época o que é que o pessoal fazia? Não tinha muito teste de HIV por aí. Então o pessoal ia doar sangue justamente para saber o resultado. E nisso, muitas pessoas que eram positivas, iam para lá e o que é que acontecia? Tinha aquela bateria de diagnóstico que normalmente se faz em Hemocentro. Então era: HIV, sífilis, Chagas, HTLV...

CP – Hepatite...

RS – Hepatite, HCV e outros aí. Então o que é que acontecia? Essa pessoa ia para lá, aí tirava o sangue dele, passava por essa bateria, aí via: o cara é HIV positivo. Ao mesmo tempo tinha um psicólogo, médico, tudo mais, que aconselhava e tratava. A pessoa ficava sendo tratada pelo Hemocentro, né? Mas aí a bolsa dele era positiva. Então essa bolsa não poderia seguir. Ao mesmo tempo, essa bolsa era mandada do LACEN para a gente para começar a fazer os testes. No futuro o que é que aconteceu? Essas bolsas vinham para Bio-Manguinhos, que era aqui em Bio-Manguinhos que ia processar e fazer a produção dos painéis.

CP – Eu queria que você esclarecesse para a gente: o que é essa produção de painéis? Porque você já tem a bolsa.

RS – Isso, tem a bolsa...

CP – Já não é mais suspeita, é uma bolsa mesmo.

RS – Não, continua suspeita, ela é HIV positivo. Aí quando chega aqui o que é que você faz? Você faz uma recalcificação dessa bolsa.

WH – Recalcificação?

RS – Isso. Você dá uma recalcificada nela, faz todo um tratamento, bota conservante e tudo mais, tira as fibrinas, aí vira um soro. Aí o que acontece? Você vai e caracteriza esse produto para ver se esse produto realmente não é falso-positivo. Então você vai, testa ele, deu positivo. Ótimo. Caracterizou esse soro, que agora é soro, como positivo. O que é que acontece? Existem esses painezinhos, que você monta esses painezinhos, ou seja, seis amostras, sendo três positivas, três negativas. Manda para um Laboratório Central. Ele bota na rotina dele. Botou na rotina dele, ele não sabe o resultado, só quem sabe o resultado somos nós que produzimos isso. Depois que eles mandam o resultado, a gente vê quanto ele acertou e quanto ele errou. Isso tudo é colocado em planilha, é enviado para Brasília e tudo mais. Quem acerta, tem bom desempenho, ganha certificado, como se fosse um controle externo mesmo. O nome é “Avaliação Externa da Qualidade”.

CP – Quer dizer, na verdade é um teste do teste.

RS – É um controle externo que você faz para o desempenho do teste, entendeu? Porque o teste do teste seria um controle interno do teste, que o próprio laboratório faz normalmente.

Esse não, esse você quer ver dando amostras cegas para o laboratório, sem saber o resultado, ele dá o resultado para aquelas amostras e envia para você, entendeu?

WH – O fato de o laboratório errar ou acertar é um problema do teste ou da qualidade do laboratório?

RS – Aí é que tem o problema, ali você está avaliando o desempenho que pode ser do *kit*, pode ser do operador e pode ser do equipamento, como pode ser da água. Por exemplo: imunofluorescência, a água é importante. Então isso começa a dar, o primeiro teste deu lá um falso-positivo, tal, tal. Ou deu um falso-negativo, tal, tal. Algum problema tem nesse laboratório. Pode ser uma coisa pontual, pode ser alguma coisa rotineira. Se virar rotina, ou seja, se todas as avaliações...: “Aquele laboratório ali deu zebra em tal teste”. Em nenhum outro que usou a mesma marca... não deu problema em nenhum dos outros laboratórios, mas nele deu problema. Então você já começa a ficar alerta: “Olha, nesse processo deu...” Aí você chega e fala para as pessoas: “Bem, ou você melhora os cuidados...”, ou seja: calibração de pipeta, água utilizada, calibração do aparelho. Você dá um monte de recomendações que são chavões mesmo para a pessoa se adequar. Aí no próximo que você enviar... aí ao mesmo tempo entra em contato com o... porque quando a pessoa recebe aquele relatório, ele vai ver: “Poxa, de oito laboratórios que usaram o *kit*, aqui deu problema. Em sete não”. Aí eles chamam o representante: “Será que o problema é do *kit*, será que o problema é nosso?” Então isso é um alerta para as pessoas começaram a tomar cuidado. Aí o chefe chamando a gente: “Deu problema aqui. Nós fomos os únicos que deu um falso-positivo. Vamos tomar cuidado! A pipeta estava calibrada? A água utilizada, foi feita legal a diluição? Seguindo os procedimentos?” Quer dizer, isso aí é um alerta.

WH – Quer dizer, vocês tinham inclusive a capacidade de – vou usar uma palavra, talvez não seja a correta – mas de intervir? Ou seja, o controle de qualidade tinha a capacidade de apontar problemas e acompanhar a resolução desses problemas ou não?

RS – Não. Porque você passava o relatório e, em cima disso, você depois tinha que receber o *feedback* do que aconteceu.

WH – Tinha um fiscalizador, digamos assim, sobre a qualidade dos laboratórios.

RS – Exatamente. Até de treinar. Muitos laboratórios pediam que fosse alguém para treinar: “Bem, a gente teve problemas aqui duas vezes seguidas. A gente gostaria de saber o que está acontecendo. Dá para mandar alguém?” Porque é uma parte até educacional chegar e mostrar o que pode ser. Às vezes, você tinha que ir num destilador de água que está todo enferrujado, você mostrar como limpar aquele negócio para não ocasionar...

WH – Vocês tinham um pessoal para treinar também?

RS – Isso.

WH – Quer dizer, tinha esse outro lado também. Do lado da qualidade tinha o lado do controle, digamos, da fiscalização dos laboratórios?

RS – Não é nem fiscalização, é uma avaliação mesmo.

WH – É uma avaliação. Isso.

RS – Porque se você falar fiscalização é uma coisa muito...

WH – Não, é avaliação mesmo.

RS – Aí ninguém quer entrar. [risos]. Mas como é avaliação, sem caráter punitivo, mas sim educativo, entendeu, é mais fácil.

WH – Mas não tinha nenhum caráter punitivo.

RS – Não. Só não ganhava o certificado. Isso daí para um laboratório é horrível. Muito legal o cara botar assim: “Certificado de teste e tal”. Às vezes você vai num Bronstein da vida e está lá no salão.

WH - Seria o ISO 9000 dos laboratórios, né?

RS – Exatamente, uma coisa assim. E tem certas coisas que você só consegue fazer se você tiver ou um controle interno ou controle externo, entendeu? Então, por exemplo, um novo fluxograma do Ministério: você só pode seguir se você tiver uma avaliação, um controle interno bem feito, se você estiver associado ou fizer parte de avaliações externas de qualidade. Por exemplo, tem um nosso que é o AEQ do PNDST-AIDS, tem da SBAC, tem o da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas e tem um outro de Patologia Clínica. Cada um deles tem...

CP – SBAC?

RS – Sociedade Brasileira de Análises Clínicas. Então cada um...

WH – Dá um certificado.

RS – E tem seus diferentes painéis, cada um envia um painel diferente. Então aqui a gente produz painéis. Vamos começar a produzir painéis de carga viral também: CD4 e CD8. Então, isso tudo para testar como é que está a rede. Como é que está a rede de laboratórios? Imagina, isso hoje não dá muito problema – pode até dar uns [inaudível] – agora, imagina isso há dez anos atrás, 15 anos atrás, onde em um mês foram lançados, na mesma empresa, cinco testes de HIV diferentes. Porque mexiam na sensibilidade e especificidade. Hoje em dia para você ter um bom teste você tem que ter 100% de sensibilidade mais 99.5% de especificidade. Quer dizer, naquela época não tinha esse rigor todo.

CP – O que você chama de especificidade? Porque sensibilidade tudo bem, ele é sensível àquele anticorpo, antígeno ou soro.

RS – Porque todos os testes são para pesquisa de anticorpo.

CP – E a especificidade é?

RS – É sempre ligada a ser específico mesmo, que você não vai pegar outra coisa que não seja o que você está procurando. Todos os testes hoje, usados em hemocentro têm que ter 100% sensibilidade e 100% especificidade. Então, todos os positivos têm que dar e todos negativos têm que dar. Você não pode fugir a isso, entendeu?

CP – Aí pelo que você está falando, vocês através desses...

RS – Painéis.

CP – Desses painéis vocês avaliavam: “Tem um problema”. Na verdade, vocês estão avaliando a possibilidade de problemas no equipamento, problemas com o pessoal...

RS – Problemas com o *kit*, problemas com o equipamento, problemas técnicos, qualquer tipo, qualquer coisa. Porque você imagina, hoje são 27, se não me engano, de LACENs. Você imagina se a gente quisesse hoje mandar cada um trabalhar com um *kit* diferente, não é? Então você manda três amostras cegas. Eles não sabem o resultado. Dez desses vão usar o mesmo. Agora imagina se sempre está dando naqueles dez, dois falso-negativos? Ou seja, o que é para ser positivo dá negativo. Só naquele laboratório. E, às vezes, nem ele sabe! Então ele está tendo uma avaliação, alguém avaliando o desempenho dele, para chegar para ele: “Olha, no país está se usando teu teste, o único lugar que deu tanto... então vai ter que fazer, vai ter que avaliar melhor a técnica, tem que avaliar melhor o equipamento, tem que avaliar melhor...”

WH – Até porque – você tocou num ponto interessante – quando o resultado dá positivo, faz-se um novo teste.

RS – Exatamente.

WH – Mas quando dá negativo, não.

RS – Não.

WH – Então, ou seja, na verdade o risco dele dar um falso-negativo é você contaminar pessoas, né?

RS – Imagina isso há dez, 15 anos atrás! Então o que é que se fazia? Um teste com uma sensibilidade alta, um teste com especificidade e fazia um terceiro como confirmatório, com imunofluorescência ou com *Western-blot*, né? Aí o que é que acontecia? Cercava-se de todas as maneiras. Mesmo assim até uns... sei lá, hoje é que está começando a se querer, por exemplo... Eu acho que no ano passado – acho que em 2004, 2003 – esse fluxograma de atuação mudou. Então basta um teste só. Só que tem que ter controle interno, tem que ter avaliação externa da qualidade, tem que ser ligado a outros programas de qualidade, entendeu? Então o negócio é muito cercado, não é mais como era antigamente. Para você não gastar muito. Para uma pessoa negativa, estava se gastando dois *kits*. Então você gastava muito, mas naquela época tinha que se fazer. Hoje em dia as coisas são mais...

WH – Refinadas.

RS – Exatamente.

WH – O percentual de erro é muito pequeno.

RS – Exatamente. Não é qualquer laboratório que faz, então é um negócio muito... Mesmo o positivo... Na primeira vez você pede a pessoa para comparecer e aí volta uma segunda vez, entendeu? Então é um negócio muito cercado. Não é mais como era.

CP – Nessa época tinha muitos *kits*? Você está descrevendo uma coisa que parece que está se reduzindo o número de *kits*, né?

RS – Isso. Porque aí o que foi que aconteceu? Eu não entendo bem dessa parte não. Foi que a própria vigilância, a Anvisa, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, que começou a ter restrições para registro. Porque, às vezes, o cara registrava um *kit*, em cima daquele fazia mais um, fazia mais um. Hoje não, um produto é um produto. Você mexeu naquele produto, vira outro produto. Então a própria Agência Nacional de Vigilância Sanitária brecou essa situação, para não ter essa facilidade. Então, às vezes, o cara mudava toda a estrutura do *kit*, mas continuava com o registro.

CP – Quer dizer que se tem um número muito grande de kits diferenciados. Em um teste nacional não tinha um padrão.

RS – Por isso que eles mudavam tanto. Porque teve aquele problema na Alemanha, do Banco de Sangue, deu um problema lá. Teve na França – se lembra? – que até o ministro da Saúde caiu. Então começou... cada um que pipocava em cada país diferente, aí aquele cara, aquele produtor de *kit*, já mudava o *kit* dele para não ter problema em outro país. entendeu? Então tinha registro aqui, o que foi que aconteceu? Vinha com outro *kit*, mas já estava registrado: HIV 1 e 2, entendeu?

WH – Agora, você falou: “Alemanha, França”, então esse controle de qualidade é um fenômeno mundial, né? E, ao mesmo tempo, a padronização dos kits também, não é isso?

RS – Isso.

WH – Quer dizer, o Brasil – e aí minha pergunta – está acompanhando o que está acontecendo a nível mundial? Ele está apto?

RS – Ele está acompanhando. Para isso que o programa está antenado lá. Então quando vão adquirir qualquer *kit* para qualquer necessidade do país, eles colocam lá: “Tantos por cento de sensibilidade e tantos por centos de especificidade”. Aí entra em licitação. Todos os kits que entram no mercado, entram na licitação. Aí são mandados para vários laboratórios para ver se realmente têm aquilo, se o preço é bom, não sei quê.

WH – Isso é regulado pela OMS, essas normas, digamos assim?

RS – Olha, eu não tenho certeza não. Mas eu acho que tem muita gente mexendo. Por exemplo, o CDC, que é o órgão máximo dessas coisas de doença e tudo mais, nos Estados Unidos; tem o NIH também. Então, quer dizer, todo mundo... sei lá, não sei se é só a OMS não.

WH – É, tem outros organismos internacionais.

RS – Acho que o CDC é mais importante até que...

WH – Você foi para os Estados Unidos em função desse projeto, não foi? Desse trabalho que você desenvolveu?

RS – Isso, isso. Esse grupo.

WH – Fazer o que lá?

RS – Porque o Brasil é o único país – se não mudou [risos] – mas é o único país que tem na sua rede pública carga viral e CD4 e CD8. É o único.

WH – O que quer dizer isso? Qual é a especificidade disso?

RS – Para você se tratar, por exemplo, de graça. Se você é um HIV positivo você pode saber como é que estão os seus linfócitos, como é que está essa relação CD4, CD8, a quantidade de carga viral. Se você toma retroviral, você vai saber se está agindo, se não está agindo, e é de graça. A pessoa tem isso oferecido pela rede pública. Coisa que nos outros países não tinha até eu ir para lá em 96, uma coisa assim. Então, isso para gente era muito importante. Nós fomos para o Canadá, com esse grupo mesmo, porque na parte de citometria de fluxo, que você faz CD4 e CD8, estava tendo um grande congresso. Depois nós fomos para os Estados Unidos, para a BD.

WH – BD?

RS – A Becton, Dickinson [and Company], que era a fornecedora dos equipamentos para esses laboratórios centrais todos, desse *kit*, para CD4 e CD8. Aí depois nós fomos para a Califórnia, para a Universidade da Califórnia. Porque o pessoal lá trabalhava com papel de filtro. Então eles, ao invés de enviar a amostra do paciente em tubinho, enviavam em papel de filtro. Aí chegava no laboratório você podia mandar até por carta, não sei que, ao invés de mandar congelado, não sei quê. Mandava por carta, o cara ia, fazia todos os...

WH – Mas aquilo não é perigoso, não pode contaminar?

RS – Não, era tudo lacrado, bonitinho. Era melhor do que em vidro, não quebrava, não sei o quê. Eles estavam trazendo tecnologia. Então a gente estava indo lá ver como é que era essa tecnologia, fazer todos os acordos, como é que a gente podia conhecer isso, ver esses trabalhos...

WH – Conseguiram transferir essa tecnologia para cá?

RS – Muita coisa foi feita. Aí depois eu já não estava mais, mas eu sei que muitas coisas foram feitas em teste com papel de filtro.

CP – Vocês tinham ou você viu algum problema com fornecedores a partir desse trabalho?

RS – Ah, sim! Tem *kit* que você vê que não funciona legal mesmo. Para sífilis é brincadeira, entendeu? Sífilis, depois esse AEQ começou a ser feito para sífilis, para outros tipos de patologias. E você via que aqueles *kits* que a gente sabia que davam problema no campo, continuavam dando problema, entendeu, ou pelo jeito de se fazer, de elaborar, sua objetividade e tudo isso.

CP – Mas tinha pressão dos fornecedores para utilização desses *kits*?

RS – Não, eram mais as pessoas mesmo que não sabiam!

CP – Pelo que eu estou entendendo depois desses testes todos, desse monitoramento, essa avaliação...

RS – Os próprios laboratórios começam a tomar cuidado. Ele recebe os resultados. Então, por exemplo, Wanda vende o teste Wanda 1. Eu uso: ruim; você usa: ruim; Claudia usa: ruim. Para que você vai comprar? [risos] O resultado está ali! Mas só que não está como o nome do *kit*. Quem está vendo isso é a coordenação. Então a coordenação chama os caras: “Meu amigo, esse aí está dando problema, não sei quê, não sei que lá”, entendeu? Mas se você sabe que eu não uso e que eu estou no meio ali do que está ruim, então peraí, tem alguma coisa errada, entendeu? Já não uso mais. Então, quer dizer, era bem educativo mesmo, aquele negócio ajudou muito. Você via *kits* que funcionavam bem no Sul, mas no Norte davam problema. “Por que? Será que o pessoal não deixava em câmara fria, em geladeira, a rede fria não era legal? O cara deixava em temperatura ambiente, num ambiente a 43°, 44°?” Então, quer dizer, era um cruzamento interessante, até de fornecimento mesmo de *kit*. Às vezes o cara deixava dentro do porta-malas do carro, ia almoçar, o sol em cima, entendeu? Aí entregava o *kit* para o cara trabalhar.

CP – Quer dizer, esses *kits* precisam da rede fria.

RS – Muitos deles precisam de rede fria e muitos não, funcionam em temperatura ambiente. Mas existe temperatura ambiente que varia de 25° a 39°, 40 e poucos graus lá no Nordeste, né? Então, é o tipo do negócio... Às vezes – é isso que eu estou falando – o fornecedor pegava o *kit*, botava no porta-malas do carro, ia almoçar, namorar, não sei quê. No dia seguinte ia levar para o cliente. Até isso, às vezes, implicava de os caras: “Epa, mas o *kit* está funcionando bem em tudo quanto... mas nessa área não está legal!”, “Agora, será que foi o laboratório?” Aí o cara: “Não, trabalho com o procedimento, tenho tudo certinho”. Bem, então só falta quem? Os controles não bateram, nossos controles não bateram, então o *kit* está dando problema. Então tem como você rastrear, entendeu? Chegar: “Peraí, então é o *kit* que está dando problema. Mas o *kit* foi feito em outro laboratório e deu certo. Peraí, o que é que aconteceu daqui para cá que não funcionou?” Então teve algum problema pontual. Ninguém

vai dizer que ele deixou no porta-malas do carro, foi namorar, não sei quê. Ninguém vai dizer isso, mas aí o cara já sabe: “Não vou namorar mais. Vou trocar aquele *kit*. [risos] Já não vou namorar mais. Entrego logo que chegar no aeroporto”.

WH – Mas você estava falando que vocês faziam a parte de avaliação, de treinamento quando necessário. Tinha algum outro aspecto desse programa, além de avaliação e treinamento?

RS – Era mais educativo e de alerta. Eu acho que era mais de alerta mesmo, de mostrar como o que é que está, o que está acontecendo no país, qual é a realidade brasileira em *kit*. Porque só dessa maneira que a gente começou a saber que o Carlos usava tais *kits* para HIV, eu usava outro, você usava outro e ela até contrabandeava o dela, trazia na bolsa. [inaudível] chega lá, o cara do plantão trazia na bolsa e usava. Tinha *kit* que você nunca ia saber como apareceram. O Rio de Janeiro tem uma legislação que diz seguinte: para você comercializar um *kit* aqui, ele tem que fazer um teste de conformidade no Noel Nutels. É o único estagio que exige. Para ter um *kit* circulando no Rio de Janeiro, tem passar num teste de conformidade no Noel Nutels, que é em cima de 600 amostras conhecidas, mais painéis de fora, painéis internacionais [inaudível]. Aí você sabe os resultados, são internacionais, eles fazem os testes mesmo e vêem que o teste tem toda a sensibilidade para poder entrar no Rio.

CP – Mas isso no caso do Rio de Janeiro, no resto não é assim.

RS – Não, eu acho que só o Rio de Janeiro que tem essa legislação.

CP – E os LACENs?

RS – Para entrar tem que ter isso. No Rio tem que ter isso, no Rio de Janeiro para entrar tem que ter isso. Os outros LACENs não. Os outros LACENs usam mais o que a Secretaria de Saúde compra, porque quem compra os *kits* para serem utilizados pelos LACENs é a Secretaria Estadual de Saúde, junto com o Programa Nacional de DST-AIDS também. Pelo menos era assim na minha época. Isso já tem dez anos.

WH – Esse programa fiscalizava tanto os laboratórios públicos como os privados?

RS – Não. Privados, só quando tinha alguma denúncia, alguma coisa assim. Porque aí você tem que fazer uma... – como é que é o nome?

WH – Auditoria?

RS – Não. Não sei se nessa época fazia isso. Quando tinha uma denúncia, a ANVISA...

CP – Apuração?

RS – Não, a Vigilância ia, pegava os *kits* e enviava para o INCQS.

WH – Quer dizer, esse programa que você está contando aqui era para avaliação dos laboratórios públicos e hemocentros no caso? Não?

RS – Não. Os hemocentros têm o dele, agora da Anvisa, que a gente faz também. Cada um tem um programa diferente.

WH – “A gente” quem faz?

RS – Bio-Manguinhos também faz.

WH – Bio-Manguinhos.

RS – Produção de painéis...

WH – É tudo descentralizado, né?

RS – Isso.

CP – Pois é, mas...

RS – Tem painéis para Anvisa que vão para o Hemocentro e tem painéis que vão...

[Trecho gravado somente em formato digital – Final Fita 2 – Lado A]

WH – Para os LACENs.

RS – Para os LACENs e mais para algumas instituições que pediram para entrar, entendeu?

CP – Uma coisa que eu não estou entendendo.

Fita 2 – Lado B

CP – Se as compras dos LACENs são feitas pelas secretarias estaduais, né?

RS – Isso.

CP – E você fala que só o Rio de Janeiro tem esse controle.

RS – Essa legislação.

CP – Essa legislação. O programa não interferia de alguma maneira em dois pontos, como para você montar uma licitação única para comprar mais barato para todo mundo?

RS – Tem certos casos que faz isso.

CP – E a outra é existir determinado *kit* e não outro, para equalizar todo mundo. Existia isso?

RS – Não. O que pode ser feito é, por exemplo, o programa para teste rápido para todas as maternidades do Rio de Janeiro, do Brasil, para fazer os testes daquelas grávidas que não sabem se são portadoras ou não, para os nenéns já entrarem com os retrovirais. Então, ela pode fazer a licitação internacional ou comprar de Bio-Manguinhos. Então, às vezes, tem *Western-blot*. Vamos comprar *Western-blot* para melhorar o confirmatório do país. Ou eles compram ou eles dão dinheiro para as secretarias. Geralmente eles compram e enviam para as secretarias e elas distribuem. Ou às vezes é convênio mesmo. Convênio que tem um dinheiro lá para comprar isso, para comprar aquilo e tal, tal, tal. Depende da necessidade. Isso era na minha época, eu não sei como é feito hoje em dia. Há dez anos eu estou aqui dentro. Então acredito que em dez anos isso mudou muito, entendeu? Mas acho que ainda é mais em cima das secretarias, pelo menos a licitação.

CP – Pois é. Aí, se o Rio de Janeiro é o único, eu te pergunto: num nível central, lá no Ministério, existe esse tipo de controle do Rio de Janeiro?

RS – Pela avaliação externa da qualidade só para saber como é que está funcionando. Porque se começar a alertar que, por exemplo, o laboratório da Cláudia lá no Sul está dando problema, ela é alertada. Ou para treinamento ou para uma ida lá. Tem algum problema acontecendo, pelo *kit* que está utilizando. Então, quer dizer, existe esse tipo de avaliação de critério, minucioso, né?

CT – E hoje quem faz essa avaliação externa?

RS – É o programa. É o Programa Nacional DST-Aids, que recebe toda a planilha. Cada *kit* desses é avaliado. Se der uma discrepância muito grande, eles são alertados, entendeu? Porque existe o relatório geral e existe o relatório pontual para você: “Claudia, em teu laboratório está acontecendo alguma coisa. Fizemos duas amostras. Acho melhor você rever tais critérios, tais, tais, tais, ou até de treinamento, tais, tais, tais”. Entendeu?

CP – Isso é uma metodologia, e fica na metodologia, ou isso redundou, resultou em alguma legislação que obriga a aplicação desse tipo de metodologia?

RS – Olha, programa nesse caso é do Ministério da Saúde, e as secretarias são “ligadas”, entre aspas, ao Ministério da Saúde, então o que acontece? Se eles determinarem que todos os LACENs entrarão nesse programa, eles têm que entrar. Ninguém vai dizer: “Não quero”, nem: “Eu gostaria de sair!” Entendeu? Porque é uma ferramenta importante para você saber até o que você está utilizando. É até uma salvaguarda. Se tivesse algum problema, acho que eu já falei para vocês da última vez: “Ah, não, a pessoa vem aqui como negativo, de repente é positivo, de repente dá positivo e era negativo, era um milagre”, aquela confusão toda. Se você tiver uma salvaguarda dessas: “Peraí, eu faço avaliação externa da qualidade, eu faço o meu controle interno, eu faço a rastreabilidade, os meus calibradores estão funcionando, meus controles estão funcionando”. Então, isso é uma salvaguarda tua. Toda a secretaria está trabalhando nisso. Mas não acredito que seja uma coisa assim... como eu vou te falar? Que ninguém vai deixar de fazer.

CP – E que seja uma norma legal.

RS – Não sei se virou norma legal, acho que era mais... Porque você chamava os LACENS para treinar, você chamava os LACENS para conversar, você falava que ia ter isso. Mas tudo na minha época era muito embrionário. Então eu não sei se isso depois virou norma, se virou lei.

CP – Bio-Manguinhos é um fornecedor.

RS – Ele é o produtor. Bio-Manguinhos produz os painéis, tanto para Anvisa como para o Programa Nacional DST-Aids.

CP – E produz os *kits*?

RS – Produz os *kits* também.

CP – Então ele é um fornecedor.

RS – É produtor. Porque se eu falar que é fornecedor, o que é fornecedor? Por exemplo, fornecedor é aquele do meio.

CP – Intermediário.

RS – É. É aquele: “Eu produzo, dou para você, você fornece”. Entendeu? Como pode ser o próprio produtor que venda. Mas o fornecedor para a gente geralmente é o intermediário.

CP – Mas então Bio-Manguinhos, enquanto produtor, está submetido também a toda essa... você localizou o problema do *kit* lá...

RS – Exatamente. Aí...

CP – Agora, Bio-Manguinhos vai entrar no mesmo processo que todos os produtores de kits.

RS – Exatamente. Só que por que é que o nosso é diferente? Porque nós temos nosso controle de qualidade. Então o que acontece? Esses AEQs são usados pelo nosso controle de qualidade para liberação do produto final.

CP – AEQ?

RS – É Avaliação Externa de Qualidade. Os painéis de avaliação a gente costuma chamar de AEQ. Então esses AEQs também entram com os soros que a gente vai utilizar no controle final do produto. Qual é a coisa boa disso? A gente tem mais de, sei lá, 300 testes caracterizados, validados por toda a rede pública. Então se aquele é positivo, aquela amostra é positiva, ele ficou positivo para mais de 40 laboratórios. Então está mais que validada aquela amostra. E a gente a usa também como controle no nosso *kit*. Como é feito o controle de qualidade aqui? Nós temos o controle de reativo de diagnóstico, que ele faz além do controle em processo – cada parte crítica do produto entra em processo, no controle do processo – e tem o controle do produto final, onde esses painéis já entram lá e vão dar os resultados que a gente gostaria que dessem: 100% de sensibilidade, 100% de especificidade.

WH – E a gente começou a falar de um assunto que a gente ia tratar justamente, que é a sua vinda para cá, quando você entra para trabalhar nessa parte de controle, de qualidade. Nem é controle, é qualidade de Bio-Manguinhos.

RS – Isso.

WH – E eu queria que você contasse. Você terminou já?

RS – Essa parte aqui é muito embrionária. Eu estive há dez anos atrás, entendeu? Então não sei se mudou, se isso virou legislação, se virou... Sei que prometeram...

CP – Essa parte que você fala, só para a transcrição, é o programa de DST-Aids, né?

RS – Programa Nacional DST-Aids. Porque depois eu saí.

WH – Aí, veio para cá.

RS – É. Então não pude... porque aqui já tinha quatro pessoas. Enquanto era Noel Nutels, tudo bem, eu era de uma instituição diferente, mas quando eu vim para cá, aí ficaram cinco.

CP – Lá no programa DST-Aids, que era daqui de Bio-Manguinhos.

RS – Isso. Então um tinha que dançar. Aí fui eu que dancei porque eu estava em vacinas. Mas aí o que é que aconteceu? Aí só ficou a Dulce, o José Antônio, o Antônio Gomes...

WH – Antônio Gomes é o Toninho de reativos, né?

RS – É. Inclusive está até hoje, o Toninho está até hoje. Do lado da Anvisa...O Toninho é que seria legal para contar essa história. Porque eu fui um dos primeiros, junto com ele. Depois saí porque fui para vacina. Ele continuou com o José Pinto e com a Dulce. Eu era o quarto, não o quinto. Então eu saí.

WH – Aí você veio para cá.

RS – Não, aí saí por quê?

WH – Como foi que você veio, quem chamou? Como é que você veio trabalhar em Bio-Manguinhos?

RS – Agora é mais fácil. Eu me lembrar dessa velharia aqui foi brabo. [risos]. Então, o que é que aconteceu? O [inaudível], chefe de departamento de Virologia lá no Noel Nutels e tudo mais... o João Quental era diretor de Bio-Manguinhos, junto com o Carlos Maurício de Andrade...

WH – Andrade, exatamente. Não lembrávamos o nome dele.

RS – ...como vice. O Carlos Maurício, na época, já tinha sido diretor do Noel Nutels com o João Quental como vice. Aqui eles estavam invertidos.

WH – Foi o João que trouxe ele para cá para ser vice dele, não é? Convidou?

RS – Isso, isso. A Darcy é chefe do Controle de Qualidade, trabalhou comigo, naquela época, em 80 e alguma coisa, que eu não me lembro mais, que a gente viu daquela vez. Acho que foi em 85, né? 82. 83. Isso. Em 83. Isso, isso. Então a Maria da Luz, que é a vice-diretora de Produção, a Darcy que é chefe de departamento de Controle de Qualidade, todas essas pessoas eu conheci em 83. E sempre minha passagem por aqui e tudo mais e vinha e tal.

WH – Você costumava vir com frequência aqui por conta desse trabalho?

RS – Sempre. Ou era para estar com o Toninho nessa parte de DST-AIDS, ou nessa parte do INCQS que era o controle de qualidade dos kits e tudo mais, ou era passar aqui por causa da poliomielite. Então a gente nunca perdeu um vínculo de conhecimento e tudo mais. E nessa época a Darcy estava precisando de uma assessoria em controle de qualidade. Só que o meu controle de qualidade era todo virado para teste, para diagnóstico laboratorial de reativos e tudo mais. Mas controle de qualidade é controle de qualidade, só varia o produto final, né? E ela estava precisando de ajuda.

CT – A Darcy Akemi.

RS – Darcy Akemi. Então o João Quental falou: “Então traz quem você quiser para trabalhar com você”. Tudo bem.

CP – Em que ano?

WH – 95.

RS – Ia olhar para minha aliança de casamento.

WH – Casou nessa época?

RS – Não, um ano antes, era em 95. Aí o que é que aconteceu? Aí a Darcy me ligou, minha mulher trabalhava aqui, com o Toninho...

WH – Ainda trabalha, né?

RS – Isso. O Oscar era diretor do Noel Nutels, o João Quental entrou em contato com o Oscar, aí o Oscar: “Tudo bem, você quer o Raouf, mas eu quero alguém do Controle de Qualidade daí”. Aí fizeram uma permuta. Eu vim do Noel Nutels para o Controle de Qualidade e o Jorge Moreira foi para a garantia de qualidade do Noel Nutels. Trabalhei com a Darcy dez anos, em controle de qualidade de vacina, de diluente, e tudo mais. Sempre como assessor dela, sempre era o segundo lá do controle de qualidade. Então em 96, se não me falha a memória, nós tivemos que fazer o controle de qualidade de reativos que não tinha.

Quem fazia o controle de qualidade de reativos era a produção e não pode, tem que ser áreas diferentes. Então eu entrei como coordenador desse controle de qualidade de reativos. Eu ajudei a montar, fazer, e tudo mais. A partir desse momento, em 96, eu assessorava a Darcy na parte de vacina, tal, tal, tal, tal e ao mesmo tempo coordenava o Laboratório de Controle de Reativos. Montando, ajustando, vendo tudo que precisava para formar o laboratório.

WH – Quando você chegou aqui, em 95, como é que você encontrou o terreno? O que tinha aqui funcionando em termos de controle?

RS – Bom, todos os controles estavam funcionando. A única coisa que não tinha era justamente o de reativos. Que não era uma coisa que deveria ser separada da Produção ainda, entendeu? Era feita na Produção, mas a vacina estava aí, o diluente estava aí...

WH – Nessa época as vacinas aqui de Bio-Manguinhos tiveram problemas com qualidade, não foi?

RS – Um dos problemas maiores que aconteceu, por isso a minha vinda, porque o negócio estava... não por um problema, mas porque era muita coisa acontecendo, muita coisa despontando e a Darcy precisava de ajuda. Então foi feita uma força-tarefa. Nessa força-tarefa foram colocados dois consultores ingleses, eu na área do controle e qualidade e a Darcy... porque teve que dividir.

WH – Mas qual era o problema?

RS – O que estava dando era problema de contaminação no laboratório de liofilização. Mas aí teve que melhorar várias coisas, porque várias normas foram vindo rápido, começaram a surgir normas atrás de normas.

WH – Toda essa parte de controle e de qualidade começa a se...

RS – Exatamente, pegou fogo. E a garantia da qualidade junto com o João Quental também, foi que começou a... sei lá, o mundo todo virou para qualidade, né? Nessa época várias coisas aconteceram, parece que foi aquele...

WH – *Boom* de acontecimentos.

RS – De acontecimentos.

WH – Qual era o problema lá com a liofilização?

CP – Que vacina? Ou quais vacinas?

RS – Não, estou com medo de errar, porque o que aconteceu no geral mesmo... não sei se foi no processo ou no produto final. Esse é que é o problema agora. Porque não estava se conseguindo detectar o problema antes de mandar para liofilização. Alguma coisa estava acontecendo, eu não me lembro se era antes ou depois. Eu não me lembro. Aí nós tivemos

que mudar a metodologia dos testes de esterilidade, fazer um negócio mais rigoroso e, ao mesmo tempo, acho que o túnel de lavagem, a aguilovia, estava dando problema.

WH – Aguilovia?

RS – Aguilovia, é. É o túnel que faz a lavagem e o envase da vacina. Eu acho que ele estava dando problema porque tiveram até que chamar o... É tanta encrenca.

WH – Pois é, a gente queria saber um pouco quais eram essas encrencas que estavam acontecendo em Bio-Manguinhos. A gente já sabe – já fizemos entrevista com o Akira, com a Malu – que esse é um período difícil.

RS – É um período tumultuado.

WH – Principalmente na área de produção.

CP – Perderam vários lotes...

RS – Por isso essa força-tarefa, que eu vim...

WH – Então. Como você faz parte dessa força-tarefa, o que a gente queria que você explicasse para nós o que é que estava acontecendo e o que se fez para resolver, para solucionar os problemas.

RS – Isso. Esse equipamento era muito velho. Então o que é que acontecia? A temperatura marcava tantos graus. O que acontecia é que muitos frascos passavam ao mesmo tempo. Porque isso aqui são túneis, tem as chapas que aquecem até 300°. Só que algumas aqueciam e outras não. Tinham pifado. Só que tudo era uma questão de amostragem. Então tinha um lote de 40 mil frascos, você pegava 04 raiz de N – que eu não me lembro mais quanto dava, acho que era 70, e calhava desses 70 terem passado num lugar certinho, bonitinho, tal, tal, tal, tal, não dar problema aqui para gente.

CP – O aquecimento não era uniforme.

RS – Uniforme. Quando chegava lá no INCQS dava problema lá. Aí a gente pensou: “Perai”. Nessa época eu não estava ainda aqui. Mas aí começou aquele quiproquó: “Como que é que passa aqui, não passa lá? Por que o nosso teste não pegou?” Aí foi feito [inaudível], tivemos que chamar o cara, a empresa da aguilovia já não existia mais, então tiveram que chamar um dos caras que trabalhava na empresa, que estava fazendo, sei lá, um extra. Porque essa empresa já não tinha. Como ele era um dos engenheiros e tudo mais, ele sabia do problema. Ele vinha contratado para isso. Então viu que de tantas chapas daquela – acho que uma quantidade de oito ou nove, sei lá, uma quantidade de peso – não estavam funcionando, estavam queimadas. Foi quando ele trocou tudo e aí nós vimos. E, ao mesmo tempo, se acontecesse isso, como a gente ia pegar no controle. Então várias ações foram tomadas em cima disso. “Aumentar o número de amostras? Fazia o processo. Aí fazia início, meio e fim?” Aí foram várias, até você tomar consistência novamente. Então amostragem do início do processo, do meio e do fim. Então envasava pá, pá, pá... tirava o início, deixava um tempo

pegava o meio, depois pegava o fim, depois levava para o liofilizador. Então você tinha quatro amostras.

WH – Na verdade, vocês definiram os procedimentos de qualidade.

RS – Exatamente. Para tentar cercar mais.

CP – Eu fiquei curioso, porque vocês não pegavam, mas o INCQS pegava.

RS – Exatamente. Porque calhava de a amostragem que eles tomavam, que era aleatória, conseguia captar algum frasco que estava com problema, entendeu?

CP – Então tinha uma diferença na metodologia entre o teste que era feito aqui e o teste que era feito lá. Porque se fosse uma amostragem, você poderia eventualmente pegar aqui mesmo antes de chegar lá, não é isso?

RS – Só que é diferente. Aquela história: dentro do inspetor é uma parada. O inspetor chega, bota a mão aqui, dá problema. Se ele pegar quatro documentos, “vou pegar quatro documentos”, pega esse aqui, a data está errada. Então, sempre a mão de quem está inspecionado busca a melhor. Essa é a lógica coisa, né?! O que é que acontecia? Enquanto a gente pegava 04 raiz de N daqui, ele pegava a 04 raiz de N de lá. Nesse ponto ele via que o dele pegava, entendeu, o nosso não pegava! Então o que a gente fez?

WH – Mas a metodologia era a mesma!

RS – Era a mesma.

WH – Era simplesmente a amostra que...

RS – Que partia que era diferente.

CP – Mas o que eu fico curioso é como que, eventualmente, Bio-Manguinhos não pegava, já que é amostra, se é a mesma metodologia, poderia, num teste de rotina, pegar uma...

CT – No Controle de qualidade de Bio-Manguinhos também apareciam amostras?

RS – Não. O que aconteceu? Começou a ter casos de nós pegarmos. Aí começou: “Aprovado, aprovado, reprovado”, “Aprovado, aprovado, reprovado”. Aí a gente: “Peraí, tem alguma coisa errada. Ou então o INCQS está pegando...” porque até ali era briga, né? “Não é possível, aqui está o resultado”.

WH – Porque isso deve ter criado um conflito, inclusive, entre Bio-Manguinhos e INCQS!

RS – É.

WH – Quem era lá do INCQS nessa época?

CP – Félix?

WH – Era o Félix?

CP – Não, antes. Antes.

RS – Não, antes do Félix, antes do Félix. Lembro-me, o Cláudio. Então o que aconteceu? Aconteceram esses conflitos porque já tinha outros conflitos. Onde a gente estava certa e eles estavam tendo problema. Então, quer dizer, essas coisas... Mas é o que você falou: dava “sorte”, entre aspas, de eles pegarem. Porque isso ia para população se ficasse comprovado. O que acontece é que quando você faz uma amostragem, tem grandes chances de você pegar, como eu também tenho grande e ela também tem. Mas o dedo de inspetor era terrível! Ele pega mesmo! Se ele vier aqui 10 dossiês: “Eu quero oito”, ele vai encontrar alguma falha naquele momento, mesmo que você veja tudo certinho, alguém esqueceu de botar alguma coisa, entendeu? Abrir uma página, assim, você pega e abre uma página...

WH – Qual era o problema no liofilizador?

RS – Você aumentar o número de amostras. Então, o que nós fizemos? Começamos a pegar início, meio e fim. Então a primeira bandeja passava, tirava tantas amostras dali. Aí deixava um tempo, pegava o meio, depois pegava do fim. Aí foi que a gente começou alertar: problema na aguilovia. Ou seja, os frascos eram lavados e tudo mais, mas não eram despirogenizados uniformemente. Alguns frascos passavam naquela faixa, naquela barra, que não estava a 300 graus.

CP – E isso causava algum problema nocivo para o usuário? Nocivo, não assim você pode tomar um medicamento, uma vacina que não funciona, mas aí, até então... Quer dizer, não funcionou, mas não gerou nenhum outro problema que não imunizasse.

RS – É um produto que não está estéril, então o que pode acontecer é dar, sei lá, desde uma espinha até um abscesso, dependendo de como estiver a coisa. Até o teu organismo conseguir também... os anticorpos que você tenha ali, atacar aquilo sem problema nenhum. Mas fazia ver, né? Fazia ver problema de abscesso, uma coisa assim nesse sentido, dependendo até da bactéria...

WH – Vocês chegaram a ter problemas, chegou a ter problemas aqui?

RS – Não, porque o INCQS pegou.

WH – Detectou antes. Então toda essa produção, digamos, foi descartada. Esses lotes não caíram no mercado, digamos assim?

RS – Foi um negócio assim, sabe...

CP – Vacina de quê? Você se lembra?

RS – Não me lembro. O problema é que estou tentando me lembrar. Se eu falar, vou falar errado.

WH – A febre amarela, com certeza, não é? A febre amarela é liofilizada, né?

RS – É. Mas não era... Porque na época a gente tinha febre amarela e o sarampo. E passava tudo pela aguilovia. Não sei se não pipocava muito, pipocava na outra... começou a pipocar a metade... Houve uma coisa que chamou atenção. Porque era pouco numa e muito na outra, o quantitativo era diferente. Ainda tinha isso, o quantitativo de sarampo era maior do que o de febre amarela. Tinha um negócio desses que eu não me lembro. Realmente foi quando eu cheguei, aí parou toda a produção e daí para frente: “Vamos ver como é que vai melhorar”.

WH – Os equipamentos foram trocados ali?

RS – Não. Foram ajustados.

WH – Foram ajustados, né?

RS – Foram ajustados.

WH – Porque eram equipamentos já antigos.

RS – Isso. A empresa já...

WH – Você vê que faltava investimento em troca de equipamento.

RS – Não, porque esses equipamentos, eles são feitos para...

WH – Para durarem mesmo?

RS – É. Durar bastante tempo. Você vê, foi justamente na época que essa fábrica ainda não existia. Estava sendo feita e tudo mais, mas ainda não se estava utilizando, era tudo aguilovia.

WH – Hoje não se usa mais esse equipamento.

RS – Usa.

WH – Usa?

RS – É o único que é certificado para exportação.

WH – Ah!

RS – Febre amarela só é exportada por lá.

WH – Ah! Entendi. Com aquele equipamento antigo ainda.

RS – Qualquer equipamento funcionando bem, estando padronizado, validado e tudo mais, não tem problema.

CT – Pois é, você falou numa questão interessante: validado. Nesse momento se fazia esse tipo de inspeção preventiva – que a gente tem ouvido bastante – ou o controle de qualidade do equipamento também começou nesse período?

RS – Toda essa parte da garantia de qualidade, né? Tudo isso voltou: laboratório de metrologia, eles é que faziam toda a calibração, validação. Isso vem bem depois, né? Acho que ali era mais a alteração mesmo de... como é que eu vou falar? Quando o técnico... É mais “quebrou, conserta”, tal, tal, tal, tal. Não tinha nada a ver com calibração, validação. Acho que isso daí vem bem depois, vem em 98, 99, por aí. Era mais pelos resultados que você ia tendo da performance do equipamento, né?

CT – Então não tinha uma manutenção preventiva?

RS – Acho que era mais corretivo. Porque hoje em dia não. Hoje em dia é tudo calibrado e validado. O processo é validado, os aparelhos são calibrados, o manual... Tudo que você vê está lá: “aferido, aferido, validade de não sei quando”. Mas isso é de um tempo para cá.

CT – Você vem para cá então na direção do João Quental e se mantém no departamento do Controle de Qualidade até 2002, é isso? Pelo menos pelo que eu estou vendo no seu currículo.

RS – Não, está errado, até 2005. Até agora. Até maio de 2005.

WH – Que você assumiu esse cargo de...

RS – De chefe do Departamento de Produção de Reativos.

WH – De Reativos. O Controle de Qualidade já era ligado à Produção mesmo, à vice de Produção, digamos assim?

RS – Não. Porque essa nova estrutura, como é que é? É Direção, tem a Vice de Qualidade, Vice de Produção, a parte de desenvolvimento, tal, tal, tal.

WH – Mas quando você entrou era ligado à Produção?

RS – Era ligado à Direção.

WH – À Direção já.

RS – À Direção.

WH – Ah, entendi errado.

RS – Não pode. Controle junto com Produção, isso não existe, não podia. Só em reativos porque não tinha nenhuma norma, não tinha nada de regulamento. Sabe quando você sabe

que tem alguma coisa ali, mas não vamos mexer por enquanto porque a encrenca aqui é maior? [risos]. Então, a gente sabia que algum dia ia ter de fazer um Controle de Reativos. Não podia ser mais feito, existia controle, mas não devia ser feito pelo pessoal da Produção, tinha que ser separado. Ter gente do Controle, ter um chefe diferente, ter departamentos distintos, entendeu? Não podia o mesmo que assina: “Fiz, *ok*”, aprovado e distribuir.

WH – Inclusive porque – eu estava pensando aqui – você que trabalhou na qualidade e toda essa parte de controle, vocês chegaram a ter conflitos com a área de produção daqui de Bio-Manguinhos?

RS – A gente do controle não, porque isso aí já era vinculado. Eu acho que quem teve mais foi a Garantia da Qualidade. Na hora de fazer procedimentos, escrever POP, tudo isso. Isso daí veio de 98 para cá.

WH – Você participou desse processo?

RS – Todo mundo. Eu acho que toda alma viva de Bio-Manguinhos teve de fazer seu POP, seu procedimento operacional.

WH – Não, mas eu digo, você participou implantando. Já que você estava na parte de qualidade?

RS – Não, porque o João Quental, antes de ser diretor, montou a Garantia de Qualidade aqui em Bio-Manguinhos. Depois dele entrou a Rita Benedetti, que vocês devem também... Ela é chefe de assessoria. Assessoria não, acho que agora é Garantia de Qualidade.

CT – Gerente do Departamento de Garantia de Qualidade?

RS – Isso. Ela é que veio depois dele, os dois é que montaram. Então isso veio com uma força muito grande aqui dentro.

[Trecho gravado somente em formato digital]

RS – Então ela e a equipe dela tiveram que ter essa parte de... para cada área ela montou um esquema...

WH – Desculpe...

Fita 3 –Lado A

WH - Bom, para cada área...

RS – Para cada área ela montou um esquema de profissionais atuantes. Ou seja, você vai ser do Controle de Qualidade; você vai ser para febre amarela; você vai ser para sarampo, você vai ser para qualquer outra tecnologia que entrar. Ou seja, essas pessoas eram responsáveis

para até auxiliar. Por exemplo, Carlos Ponte trabalha na área de Controle Microbiológico, então ele vai ter que fazer os POPs da área dele. Ou seja, como fazer o teste de esterilidade, como fazer os testes de micobactéria, como fazer a inoculação, como fazer o teste... Então, a Garantia ia acompanhando junto com ele. Ele mandava para Garantia, a Garantia analisava. Existe o POP de como fazer POP. Tudo é feito nesse sentido de a pessoa que está fazendo passar para o papel para qualquer um que venha, amanhã ou depois, ou daqui a dez anos, pegue aquela técnica e faça. Porque não era o chefe, tinha que ser o próprio funcionário que mexia com aquilo para fazer.

WH – E isso criou conflito?

RS – Conflito é aquela coisa: “Vamos escrever o que é que eu faço”. A primeira dificuldade da pessoa é você botar no papel. Por exemplo, eu tenho dificuldade de me lembrar das coisas, de o que eu já fiz há dez anos atrás! Então imagina se eu tiver que escrever tudo isso, eu vou sair rabiscando papel e jogando fora: “Mas será que era isso mesmo?” A mesma coisa, a pessoa tinha que chegar: “Eu pipetei 5 ml, botei ali, fiz uma diluição de não sei quê, não sei que lá” E tinha que fazer certinho! Às vezes a gente pensava o que tinha feito, dava para o chefe, aí o chefe: “Peraí, não está trocando uma...?”

CP – Uma etapa.

RS – Uma etapa? “Não, porque o que você está falando aqui eu não estou entendendo”. Aí dá para uma pessoa, por exemplo, de outra área para ler, né? Aí a pessoa lia: “Mas, peraí, como é que você veio daqui para cá?” E para isso você fazia as pessoas pararem o que estavam fazendo. Imagina uma pessoa que tem de controlar não sei quantos frascos... “Pára tudo e vamos fazer POP”. Não há expressão que chega. [risos]

CP – É mais uma demanda na rotina.

RS – Mais uma demanda. Então se você for e perguntar para qualquer empresa: “Como foi a época de fazer o POP?” Hoje em dia todo mundo dá graças a Deus de ter o POP. Porque o POP é o respaldo de que você está trabalhando legal.

WH – Mas é uma coisa que você faz uma vez ou cada vez que muda a prática tem que refazer?

RS – De tanto em tanto tempo existe uma revisão, entendeu? De dois em dois anos, se tiver alguma mudança do procedimento. Ou não! Às vezes você chega assim: “Ah, não! Tirei daqui, botei dali, mas aí não vai mudar em nada”. Isso não vai ser oriundo de uma mudança de revisão. Agora, uma coisa importante, por exemplo: “Passei de menos 20 para menos 70, porque vai durar mais”. Aí você tem que botar: “No item tanto, não sei quê, não sei que lá, passei de menos 20 para menos 70”. Revisão do POP.

WH – Só uma coisa para leigo. Quer dizer, você tem o Controle de Qualidade, você tem a Garantia da Qualidade. São duas coisas distintas, pelo que eu estou entendendo. Uma trabalha na execução, que é o controle; e a garantia vai mais na normalização...

RS – Documental.

CP – Nos procedimentos.

RS – Um é documental e a outra é mais o controle mesmo técnico das coisas. Ou seja, em muitas empresas a Qualidade é uma só. Ou seja, existe um chefe da Qualidade que tem dois chefes, um da Garantia, o outro é do Controle. Mas isso tudo é qualidade. Aqui já é diferente. A Qualidade é um departamento e o Controle de Qualidade é outro departamento, entendeu? Então, quer dizer, é diferente, cada um tem...

WH – Em que implica essa diferença? Por que aqui é diferente e não é uma coisa só? Isso eu queria entender.

RS – Olha, eu também não sei não. Eu não sei te responder isso.

WH – Ou seja, qual é a diferença conceitual e metodológica?

RS – Todas as empresas que eu fui existia um... eu acho que é pior. Imagina um chefe só para tomar conta de toda a qualidade! Acho que dessa maneira é melhor. E mesmo sendo dessa maneira, eu tive que vir para ajudar porque estava pesado.

WH – Além de você vieram mais outras pessoas?

RS – Não. Já tinha pessoas aqui ajudando na parte de Produção. Então tinha consultores ingleses ajudando aqui. Então, quer dizer, formou-se essa força-tarefa com esses consultores e eu fiz parte.

CP – Pelo que eu estou entendendo, historicamente, você não tem Controle de Qualidade. Você instala o Controle de Qualidade nisso aqui, monta, não é? Depois tinha um outro conceito que é a Garantia da Qualidade, que é uma evolução do processo metodológico.

RS – Acho que não. Eu acho que tudo era Controle de Qualidade.

CP – Mas quando você vem para cá, você tem de fazer ...

RS – Controle de Qualidade.

CP – Já existia a Garantia?

RS – Já existia há uns dois anos atrás a Garantia da Qualidade.

WH – Mas não aqui em Bio-Manguinhos, né?

RS – Já existia em Bio-Manguinhos. Feita pelo João Quental, antes dele ser diretor. Quando era Otávio Oliva. Há uns dois, três anos atrás já existia. Mas Controle já é uma coisa mais antiga, já era feito pela Produção. A Produção mesmo já fazia isso. Depois é que ela começou... A mesma coisa aconteceu com reativos. Chegou uma hora: “Peraí, vai ter que...”

WH – Separar.

RS – “Vai ter que separar”. Mas existia o setor de Controle de Qualidade e de Reativos, que não podia. Com pessoas trabalhando, o que não podia. O laboratório, que não podia, dentro da produção. Então você tinha que tirar essas pessoas, não ter essas pessoas vinculadas à produção. Então isso daí é a primeira coisa que a inspeção chega: “O Controle de Qualidade está fechado?”, “Não”. É chavão mesmo, entendeu? Não pode ter nada vinculado a nada! Tem que ser laboratório separado, chefes separados, documentação separada, tudo separado. Por que o que eu estou visando? O usuário! Você vai ser usuário ali na frente. O último reboque da situação, né? É quem vai ver se o produto está controlado, chancelado e pode sair.

WH – Você manteve o seu vínculo com o Noel Nutels?

RS – Mantenho até hoje.

WH – Quer dizer, você é funcionário tanto de lá como daqui.

RS – Eu sou de lá cedido para cá.

WH – Ah, entendi. Então você permanece com o salário lá do Noel Nutels.

RS – Isso.

WH – Tem complementação aqui?

RS – Tenho, tenho.

WH – Há uma diferença salarial entre o que você ganhava lá e ganha aqui?

RS – Porque eu trabalhava em dois lugares. Então, quer dizer, quando eu vim cedido de lá para cá, eu larguei o Bronstein, que eu trabalhava, para vir para cá. Porque lá é meio expediente, o Noel Nutels.

WH – Aqui você trabalha integral, né?

RS – Isso. A minha presença... tenho que ir lá todo final de mês, amanhã tenho que levar minha presença lá. Eu vim com o doutor Akira. Porque é interessante que eu esteja aqui, porque muitas coisas são realizadas lá e muitas coisas são realizadas lá porque a gente faz aqui.

WH – “Lá” que você diz é aonde?

RS – No Noel Nutels. Por exemplo, quando tem problema de *kit*, quando tem para fornecer *kit*, quando tem não sei quê, não sei que lá... tem programa de controle disso, controle daquilo. Quer dizer, é um canal aberto, né? Por exemplo, o Oscar é da Fiocruz, mas está como

secretário de Saúde lá de Duque de Caxias. Temporão é da Escola [Nacional de Saúde Pública], mas está como presidente do INCA.

WH – Agora foi para Brasília, né?

RS – É. Então, quer dizer, tem uns que são cedidos. Depois voltam. Eu acho que eu não volto. [risos]

WH – Mas você mantém essa relação, você é um canal de relação entre Bio-Manguinhos e Noel Nutels, digamos assim.

RS – Quando a gente precisa fazer um multicêntrico, não sei o quê, tem um canal, chega lá: “Ó, vamos fazer um multicêntrico, a diretora...”

CT – Multi...?

RS – Multicêntrico. Porque existe estudo multicêntrico. Você manda amostras e *kits* para vários laboratórios e... Por exemplo, eu tenho um *kit* novo, quero saber se esse *kit* está funcionando. Eu mando para dez ou 15 laboratórios, eles fazem. A gente pega todos os resultados. É um tipo de controle também.

CP – Pois é, eu tenho uma curiosidade. Uma vez assisti uma palestra aí dessa área de vocês, e uma pesquisadora – acho que inglesa – descreveu assim, três ou quatro testes que são feitos antes de você lançar um medicamento. Ela estava falando basicamente de vacina.

RS – Testes pré-clínicos, né?

CP – Pré-clínico e tal. E ela descreve uma situação em que a maioria... Ela classificava os laboratórios do mundo, até aonde eles iam. E fala de um outro teste que quase ninguém faz ou ninguém faz, que ela achava importante, que eram testes depois do teste clínico, você faz com uma população pequena quando você amplia muito. Ela até falou...

RS – O clínico, esse é o clínico. O último é o clínico.

CP – E aí ela citava mais um...

RS – Antes de jogar do clínico para a população.

CP – Ela fala que ninguém faz: voltar depois para juntar a população que você aplicou aquilo. Quer dizer, seria um controle de qualidade ou uma garantia de qualidade? Eu não sei exatamente... que não é feito mais no interior da fábrica, né?

RS – Eu acho que é mais monitoramento. Você fazer o monitoramento daquilo que vai acontecer daqui a um, dois anos, né?

CP – É. Eu te pergunto isso pelo seguinte: no controle da qualidade ou na garantia de qualidade, esse tipo de metodologia pode não ser aplicada agora, mas é uma coisa que se fala

no futuro. Vocês acompanham isso? Tem pretensão de um dia fazer esses testes mais retroativos?

RS – É. Porque o que é que acontece? Você tem um teste de estabilidade que vai garantir o teu período de validade do produto. Então você tem o teste de qualidade que é o teste em tempo acelerado, que aí você estressa o produto até...

CP – Para saber por quanto tempo ele vai durar.

RS – Exatamente. Então você bota durante três meses em temperatura ambiente, 37°, 45°, estressa mesmo. Aí três, seis, nove, até 105 dias fazendo isso. E tem o tempo real que ele fica na [inaudível], que eles chamam de “Teste de estante”. É aquele que você deixa no teu arquivo, que de tanto em tanto tempo você vai lá, faz um teste e vê se funciona, tal, tal, tal. Isso é feito nos produtos de Bio-Manguinhos. Até aquele período de incubação, não é incubação, é período de validade, o que é que acontece? Não pode haver nenhum desvio. Ou seja, se for um *kit*, o *kit* tem que dar os mesmos resultados, em cima do mesmo painel. Isso quem faz é o controle de qualidade. Ele vai lá, pega umas amostras, faz o teste: a mesma coisa. Aí seis meses depois vai, pega, nas três temperaturas. A mesma coisa a vacina. Você faz todos os testes da vacina em cima do controle, seja lá qual for o controle físico-químico, microbiológico, tal, tal. Você vai, faz os testes e não tem que dar variação. Só que o que ela está falando é que depois do teste, que é o teste clínico, é pegar essas pessoas que estão no futuro, que já tomaram a vacina de febre amarela há dez anos. Pegar essas pessoas que já tomaram a vacina há dez anos: “Vamos fazer um teste? Vamos ver se está tudo bem?” Só que ninguém faz esse teste. O Carlos Ponte tomou a vacina hoje. Daqui a dez anos eu vou atrás dele para ver se está tudo bem, se ele sentiu alguma coisa. Quer dizer, é mais um monitoramento para ver se deu algum problema ou não.

CP – O Otávio Oliva até fez um trabalho desses com a... O Fonseca [José Fonseca da Cunha] foi no Espírito Santo, coletou sangue e vacinou.

RS – Isso antes.

CP – Há 40 anos atrás. E o Otávio Oliva conseguiu ir à mesma população e recuperar. Ele viu que a vacina poderia valer muito mais que dez anos.

RS – Exatamente. Mas aí você tem que ter esse tipo de população conhecida, né? Como você vai achar o Carlos Ponte daqui a dez anos? Como eu, por exemplo. Vai ao Noel Nutels, bate lá na porta: “Não, ele está em Bio-Manguinhos”. Tudo bem. Mas e os outros que saíram, que você não sabe para aonde foram. Aí é difícil, né?

CP – Seria uma atividade externa ao...

RS – Mas para todos os produtos de Bio-Manguinhos você tem esse teste de estabilidade, para saber qual é o tempo que tem a validade do produto. E se ele mantém mesmo, tudo que ele é determinado a fazer durante aquele período de tempo, né?

CT – Mas nessa reorganização...

RS – Reestruturação.

CT – Reestruturação de Bio-Manguinhos. Porque eu estive observando em alguns instrumentos, não sei se é exatamente isso, mas que vocês estão começando a chamar isso de “pós-marketing”. É isso?

RS – Isso, isso. Agora essa área toda aqui. Monitorar...

CT – Monitorar após...

RS – Qualquer reclamação, qualquer coisa, qualquer advento, qualquer coisa que apareça tem que ser notificada e tudo mais.

CT – Então está começando a se investir nesse último teste de avaliação da qualidade?

RS – Acho que é mais acompanhamento mesmo, entendeu? Acho que é mais acompanhamento mesmo. Você está monitorando o produto que você deu para a população. Qualquer reclamação, qualquer problema grave tem que ser notificado.

CT – Mas como só receber reclamação, não ir atrás...

RS – Não, porque nesses casos você só sabe quando dá errado alguma coisa. A pessoa só grita quando tem algum problema. Porque você não vai saber... A Cenadi distribuiu... A campanha de vacinação pólio, o país todo. Só se der uma dor de barriga em alguém, que alguém vai chegar: “Olha, tive dor de barriga”. Você não vai saber. Então para isso é que existem os SACs 0800. Os reativos têm um 0800. Qualquer problema que der num kit, a pessoa entra em contato direto com o SAC, e-mail, telefone. Isso é uma norma de inspeção. E tem que ter também como recolher, tem que ter todo um protocolo de como recolher, um protocolo de como agir. Se você vai trocar aquele kit ou se você vai fazer um *recall*, tem tudo isso. E depois como desprezar isso tudo também.

WH – Além do programa do liofilizador, vocês detectaram algum outro programa nessa época?

RS – Não, nessa época foi isso e melhorar os nossos procedimentos. Ou seja, existem os requerimentos mínimos da OMS. Isso para vacina. Se você não fizer aquele mínimo, você não é bom produtor e está fora das normas. E existe aquilo que você faz além para garantir que o seu produto seja o melhor, que não te dê dor de cabeça. Então o que a gente fez? A gente apertou mais o nosso cerco, fazendo uma amostra de início, meio e fim até você ter uma consistência de resultados. Ou seja, se seu procedimento com início, meio e fim, dá uns 20 lotes sem ter problema nenhum, então você já tira início, meio e fim, deixa só guardado e só faz o produto final. Você tem um histórico que está tudo funcionando. Quer dizer, foram criadas estratégias para cada situação, para não ter mais esse problema. Depois veio o quê? Veio manutenção preventiva. O pessoal começou a ter mais cuidado com as normas de condições preventivas. Mais cuidado até nas corretivas mesmo, entendeu? “Ah, deu problema aqui, mas vamos aproveitar e dar uma olhada no geralzão?”.

WH – Isso tudo que você está dizendo garante que o produto final não vai ter contaminação?

RS – Exatamente. Estratégias foram criadas. Várias estratégias. Se você tiver uma manutenção preventiva, o que vai acontecer? Não vai acontecer de ter barras...

CP – Que não estão funcionando, né?

RS – Não estão funcionando.

WH – Mas teve problema com a febre amarela, não teve?

RS – Pois é... isso que eu... mas eu tenho que saber qual era a época. Porque tem vários problemas que pipocaram em épocas diferentes, coisas pontuais.

CP – Pois é. Na febre amarela, em torno de 99, 2000, tiveram cinco casos de eventos adversos ou graves, que resultaram em morte, em Campinas, Minas Gerais... Isso foi aqui no Brasil. Cinco casos no Brasil. Parece-me que tiveram dois na Austrália, outros dois nos Estados Unidos com cepas diferentes da...

RS – Isso daí era mais pessoal do pré-clínico, né? Tem um pessoal que na época era até um médico...

CP – Savitre?

RS - Exatamente. Mas isso era mais a parte de direção mesmo. A gente não ficava sabendo muito sobre isso não. A gente sabia que estava acontecendo, que tinha acontecido, mas a gente não estava...

WH – A parte de Garantia e de Controle?

RS – Não, não.

CP – Porque uma das coisas que a gente viu acompanhando a discussão da área, uma das hipóteses era a seguinte: aumentou muito o número de vacina. No caso da febre amarela o somatório foi muito grande, aumentou muito o número de indivíduos vacinados naquele período. A outra hipótese é que paralelo a isso se tinha uma vigilância que antes você não tinha. Então isso significa que pode ter ocorrido...

RS – E ninguém sabia.

CP – Ninguém viu. A vacina pode ter matado antes, mas como não tinha vigilância isso ficou como uma *causa mortis* qualquer ou outra coisa, menos a vacina. Até porque se acreditava que era uma vacina...

RS – E ter tido febre amarela também antes.

CP – Ter tido febre amarela antes, isso. E a vacina era considerada a vacina mais segura do mundo, né? E aí eu te pergunto: esse contato com a Vigilância é fundamental?

RS – É aquilo que a Cláudia falou, se a gente não tiver esse *feedback*, está tudo correndo normal. Se morrerem 20 pessoas num lugar, mas se não avisarem para ninguém... Estava todo mundo num fusca, ‘pum’, bateu num carro e tal e vem tudo para o hospital. Bateu um caminhão, morreu todo mundo. Morte: acidente de carro. Entendeu? Se eu tiver esse tipo de... para tudo, até para HIV, no começo do HIV também. Muita gente morreu e ninguém sabia por quê. Quando começou a morrer um que... “Êpa, per aí”.

CP – Mas aí eu te digo...

RS – *Sarcoma de Kaposi* começou a aparecer, aí o pessoal: “Pô, mas aquele sarcoma?” Gente que morreu com *Pneumocystis carini* que só dava em imunodeprimido. Aí o pessoal começou: “Êpa! Tem alguma coisa errada”. Entendeu? Então se não tiver o alerta, a Vigilância... E você sabe que a vigilância epidemiológica... É aquela história da dengue: se você não tiver aquele *feedback* que ali está tendo dengue 1, não adianta você fazer no Rio de Janeiro, naquela área. Ali você sabe que é dengue 1, mas não adianta você recolher de todo mundo que tiver febre... sabe, aqueles negócios todos, aquela sintomatologia toda que caracteriza como dengue, não adianta nada, você só vai gastar *kit*. Agora, se você sai de Santo Cristo e for para Ipanema, aí você vai ter de colher em Ipanema. Sabe lá se é o mesmo tipo que está dando lá. “Não, é dengue 1 também”. Então está!

CP – Porque para a Vigilância pegar alguma coisa ela precisa...

RS – Desse *feedback*.

CP – ...saber. Por exemplo, no caso da febre amarela, você tem uma série de coisas que a vacina pode gerar. Ter um médico do lado é bom, para você ser alertado que aquele sintoma tem que ser informado. Vocês trabalham juntos com a Vigilância?

RS – Olha, é aquilo que eu estou te falando, eu, no caso não, entendeu? Porque a gente controlava o produto, liberava o produto e dali para frente a gente não tinha essa... Porque são partes diferentes, etapas diferentes de produção. A gente controla uma coisa. Agora, nesse assunto o que é que acontecia? Era notificado, ia para Brasília, Brasília, tal, tal, direção, garantia da qualidade pegava o dossiê todo, ia no controle, via o dossiê. Aí: “Não, deu tudo certo”. Dali para frente no desdobramento disso tinha o Savitre, que ia lá para frente ver: “Mas foi vacinar todo mundo por quê? Isso aqui é uma área que está suspeita de febre amarela?” Entendeu? Aqueles caras que foram lá para Chapada dos Veadeiros. Quer dizer, teve gente que morreu lá. Se você vai com vacina e dá em você... aí dá a vacina, mas você já estava...

CP – Com febre amarela.

RS – Aí morre. Dali para frente eu não sei, a gente da parte técnica, a gente não tinha essa flexibilidade de saber certinho o que está acontecendo, entendeu?

WH – Vou mudar de assunto. Você participou dessa reestruturação que teve aqui em Bio-Manguinhos de alguma maneira?

RS – Não, foi mais a parte de departamento para cima, né? Eu era mais a parte técnica da coisa. Quando nós fizemos as separações, eu e Darcy, ela ficou com essa parte mais política e tal, tal, tal, de transferência de tecnologia e tudo mais. Eu era mais da área técnica. Ou seja, tinha que assessorar os laboratórios. Eram seis. Além de termos os controles, que era o microbiológico, o físico-químico, o diagnóstico de neurovirulência, ainda tinha o meio de cultura. Embora fosse produção, ainda era nosso. Então ainda tínhamos que tomar conta dessa parte operacional. Eu ficava mais com a área técnica, ele ficava mais com essa parte de reestruturação. Então tinha uma equipe voltada para isso. Acho que era do alto escalão mesmo, entendeu? Era uma coisa que... foi contratado até gente para...

WH – Começou em 98, né?

RS – Teve uma empresa grande que tentou vir, mas veio com umas cobranças grandes demais, aí depois veio outra. Eu acho que teve duas ou três empresas.

WH – Isso começou com a gestão do João Quental, né?

RS – Isso.

WH – Não foi? Essa discussão da reforma, da reformatação da instituição, se vai eleger ou não vai eleger o diretor de Bio-Manguinhos. Você não participou?

RS – Não.

WH – Você era próximo do João Quental?

RS – Não, porque era mais da área técnica, entendeu? Quem era mais assim ligado nessa parte eram os chefes de departamento mesmo. Aqueles que eram lotados em caixinhas. Os assessores, os consultores, eles vinham mais para áreas determinadas.

WH – Mas vocês participaram de assembleias para decidir se vinham ou não...?

RS – Isso teve.

WH – Teve?

RS – Teve, teve.

WH – Você chegou a participar?

RS – Não, muito pouco. Porque, por exemplo, só podia votar quem era funcionário. Terceirizados não podiam votar. Então, quer dizer, de muitas coisas os terceirizados não faziam parte, porque não podiam votar. Não podiam, porque...

WH – Mas hoje você pode? Quer dizer, hoje você está como chefe de um setor, você tem voto, você participa?

RS – Isso. Faço parte de Conselho Interno, essa coisa toda.

WH – Você pode votar em diretor, por exemplo?

RS – Não. Isso é só funcionário. Tem certas coisas que só funcionário pode fazer. Até para presidente, só quem vota é funcionário. Mas eu posso usar o voto, tal, tal, tal: “Vote em não sei quem”. Não tem problema nenhum.

WH – Voto simbólico.

CP – Direito à voz.

RS – Exatamente.

WH – E esse setor que foi criado? Eu queria entender um pouco, porque antigamente, antes da reforma, teve toda essa discussão, teve a vinda do Marcos Oliveira, né?

RS – Isso.

WH – Que foi diretor, né?

RS – Isso. Foi diretor.

WH – Como é que você viu esse período? Você estava no setor de Qualidade ainda?

RS – Estava no setor de qualidade. A presença do Marcos de Oliveira foi legal porque ele trouxe um outro tipo de vivência, que foi a parte do privado. A vivência dele era toda... não era uma vivência pública, né? A Petrobrás é do governo e, ao mesmo tempo, tem todo um tipo de estrutura diferente da pública, né? Então ele tinha vindo da Petrobrás. Tinha uma área totalmente diferente, mas ele vinha com um processo de gestão diferente daquilo que a gente estava acostumado. Até a reunião dele começava às três e terminava às cinco. Se você tivesse falado, ótimo, se não tivesse deixava para próxima. Porque às cinco horas se levantava e ia embora. Então, quer dizer, era tudo “*time is money*”. Era tudo voltado para a parte financeira da coisa, o que dava dinheiro. “O que é que a gente pode...” Sabe? Custo da coisa, entendeu? Então, quer dizer, eu acho que isso deu um empurrão muito grande para a gente.

WH – O planejamento. Você sentiu na tua área alguma mudança?

RS – Não, na nossa área não. Porque é muito técnica, não tem o que mudar ali, entendeu? É aquilo que eu falo: ou você faz a mais ou você mantém as normas. Porque é tudo virado em normas mínimas de qualidade.

WH – Entendi. Então para tua área não teve alteração.

RS – Agora, para planejamento, para marketing, para produção, acho que teve um *boom*, entendeu? A própria transferência da Hib, entendeu, foi na época dele. A Hib para a gente foi muito importante, porque juntava os procedimentos. Então foi aí que nós tivemos que começar a fazer procedimentos para tudo porque se lá eles tinham, a gente tinha que ter também.

WH – O famoso POP, né?

RS – Exatamente. Então, foi um *boom* muito grande. Até a transferência... embora a gente tivesse tido transferência de pólio com Doutor Akira, de sarampo e tudo mais... hoje foi uma coisa diferente. Acho que foi um *boom* muito grande a transferência da Hib para a gente. E hoje a gente tem essa transferência de testes rápidos, no lado de reativos, que também foi um *boom* muito grande para gente também.

WH – Podia explicar melhor isso? É a primeira vez...

CT – Antes de entrar nos reativos, como é que foi a sua passagem no Departamento de Controle de Qualidade para ser chefia do Departamento de Produção de Reativos?

RS – Em 2003 teve o primeiro mestrado profissional. Então a maioria dos chefes... era prova, passava, tal, tal, tal. A Darcy: “Você vai fazer?”, “Não. Não vou fazer porque como é que os dois vão ficar ausentes? Não vai dar certo. Você faz agora, eu fico, quando você defender sua tese eu entro”, “Está bem, quando terminar a tese”. Foi o que aconteceu: eu fiz prova, passei. Não sei o que aconteceu, passei em primeiro lugar! [risos]. Isso é até bom falar [risos]. O Doutor Akira falou assim: “Não esperava tanto!”, “Doutor Akira, um raio não bate duas vezes num mesmo lugar! O que aconteceu eu não sei!” A primeira vez que tirei primeiro lugar em alguma coisa foi nesse mestrado profissional! Então, fiz o concurso e estou no Controle de Qualidade. Eu todo descansado pensando o seguinte: “Bem, vou fazer meu mestrado. Darcy está voltando, então posso fazer meu mestrado tranqüilamente”. Com um mês de mestrado profissional – aí eu não sei o que aconteceu. Darcy tinha ido para Bélgica junto com o doutor Akira. Ela ainda não tinha feito a tese dela por causa da viagem. Na volta: “Preciso falar com você”. Eu pensando que ela ia falar assim: “Olha, você vai ficar mais um pouquinho aqui, enquanto eu vou fazer a minha tese”. Eu já estava preparado para ajudar mais um pouco ela, porque a gente dez anos unidos, a gente sempre foi muito amigo. Sabe, a gente sempre trabalhou junto e sempre ali, grudado um com o outro. Aí, tudo bem, já estava esperando que ela dissesse: “Vou passar uma semana em casa preparando a minha tese, a viagem me atrapalhou, não sei o quê”. Quando eu cheguei, ela: “A partir de amanhã você não está trabalhando mais aqui”. Aí todo mundo chorando.

[Trecho gravado somente em formato digital]

RS – Eu chorei, ela chorou, a secretária chorou, todo mundo chorou. “E você vai a partir de amanhã para a chefia de Departamento de Produção de Reativos, porque o Toninho vai para área de Desenvolvimento”.

WH – Essa é uma coisa nova, né? Antes estava junto.

RS – Isso é de maio para cá. Não pode ter Desenvolvimento e Produção juntos, tem que ser departamentos separados.

WH – Por quê?

RS - Porque não tem como, uma cabeça não agüenta! É muita coisa. Ou a pessoa produz ou a pessoa desenvolve! Não tem como! Para mim a pessoa mais brilhante nessa unidade, nessa questão, é o Antonio Gomes.

WH – Toninho, né?

RS – Toninho. Por quê? Ele conseguia fazer isso, ele só, e de uma maneira que eu acho... “Como é que a pessoa sozinha consegue caminhar com essas duas coisas, produzir e desenvolver ao mesmo tempo e pesquisar?!” E ele consegue. Até que chegou o momento que ele tinha decidir. Dr. Akira falou: “Ou você vai para um lado ou vai para outro”.

WH – Porque ele não gostou muito de ter separado a área de Reativos.

RS – É. Porque ele estava conseguindo nesse ponto. Então o que é que acontece? Aí ele foi para Desenvolvimento. Mas tinha que ter alguém para Produção de Reativos. E eu lá, quietinho, tranqüilo, fazendo o meu mestrado. Fiquei um mês pegando matemática pela frente. Primeiro dia de aula, aí o cara falou assim: “Você trabalha aonde?” Eu falei: “Eu também não sei. Até ontem eu era isso, hoje eu sou isso”. Peguei matemática, peguei uma pedreira em cima, eu não sabia se estudava, se eu ia para a Produção, foi um desacerto. Hoje em dia está tudo funcionando, mas foi um desacerto. Mas para mim, nesse ponto... tanto é que uma das questões que eu falava: “Não pense que eu sou Toninho! Se eu vim aqui para produzir, vou produzir!” Agora, desenvolvimento é Toninho. Eu tinha facilidade por quê? Como a gente trabalhava junto e eu ajudei a criar o Controle de Reativos, eu já trabalhava em reativos há não sei quanto tempo, fiz parte com ele... dos dez anos que eu estou aqui, seis eu passei dentro de Reativos. Eu conhecia todo mundo lá! Então o que a Malu pensou: “Bem, já que o Toninho vem para cá, a segunda pessoa que mais entende de reativos e está trabalhando com eles na transferência de tecnologia do teste rápido com o controle de qualidade...” Então o que aconteceu? Ela falou “Não. Vou querer...” Trabalhou com a Malu tanto tempo de vacina e tal, tal. Falou: “Não, então quero... o que é que você aconselha?” O Toninho... fez a pergunta para ele: “Quem você botaria?” Parece que eles já tinham tido uma conversa anteriormente, quando começou a querer desviar o negócio. “Quem você gostaria?”

WH – Por que quando começou a desviar o negócio?

RS – É, reestruturar, separar Desenvolvimento e a Produção. Tinha três ou quatro nomes. Eu não participei disso, sei porque as pessoas falam, e nesse meio todo, sobrou para mim. E sobrou literalmente, porque eu com o mestrado profissional, todo aquele... Quando o Doutor

Akira falou para mim, falei: “Doutor Akira, isso é meta de PROQUAL”. Você sabe o que é PROQUAL, né?

WH – PROQUAL?

RS – É, Programa de Qualidade, aquele que você ganha um percentual porque você superou alguma meta. Aí eu falei: “Isso para mim é superação. Fazer mestrado e ganhar um departamento com 50 e poucas pessoas, quase 60, de repente!” Mas eu avisei para ele: “Eu não sou Toninho! Ou é uma coisa ou outra. O Toninho é um só, ele não tem...Eu não sou”. Entendeu? Nisso eu sou bem... como é que é o nome? Bem centrado. Não vai pensar que eu vou construir e, ao mesmo tempo, passar cimento que não vai dar!

WH – Mas não houve uma mudança física. Os reativos continuam sendo produzidos onde estavam sendo produzidos?

RS – Eu sento do lado dele. Eu sento na mesma sala que ele, cada um fica... sabe, ele tem a mesa dele, eu a minha mesa. A única coisa que aconteceu foi pegar uma mesa, botar na sala dele e dizer: “Você vai ficar com a Produção e você vai ficar com o Desenvolvimento”. A única coisa que aconteceu é que ele foi sozinho para Desenvolvimento. Até hoje eu não sei quem é meu funcionário, nem sei quem é funcionário dele. Porque até os meus, de repente, no final disso tudo: “Quem vai para Desenvolvimento?” “Todo mundo”. [risos] Ainda tem essa! Ainda tem essa! Porque você pensa que todo mundo é amigo, mas nessa hora: “Cadê meus amigos?”, “Tudo para lá”. Ainda tem essa. A gente não sabe quem é funcionário de quem. Eu sei que todo mundo é meu funcionário, por enquanto. Mas não sei quais são os funcionários dele. Não sei se na hora de ‘bater o martelo’...

WH – Vê se eu entendi. Isso porque os funcionários ao mesmo tempo produzem e desenvolvem tecnologia?

RS – Muitos fazem a mesma coisa.

CP – E não foi feita uma triagem.

RS – Não, já tem a reestruturação pronta, já tem tudo pronto, só falta baterem o martelo. Quando baterem o martelo vai ter mudança e tudo mais.

WH – A pessoa vai ter que optar se vai para produção ou para o desenvolvimento tecnológico. É isso? Porque por enquanto tem dois chefes, mas a execução mesmo, as pessoas ainda estão...

RS – Não, até sabem, sabem. Mas não tem nada categórico: “Você é de Desenvolvimento?”, “Não sei”, “Você é de Produção?”, “Não sei”. Pode ser que sim, pode ser que não. Amanhã ele diz: “Não gostei do Raouf, vou trabalhar com o Toninho. Prefiro o Toninho porque ele é...”, sabe? Sei lá! Cada um vai ter o seu... eu também não cheguei lá e pensei que ia receber um mar de rosas. Também não é assim não! Então teve várias polêmicas, né?

WH – Por exemplo?

RS – Ah, “tiraram ele, botaram o Raouf”. Entendeu? Então, quer dizer, teve várias situações colocadas, que no decorrer do tempo tiveram que ser explicadas. Porque foi um negócio muito rápido, entendeu? Muito rápido demais. Não teve uma explicação: “Vamos sentar o grupo todo. O que está acontecendo é isso, isso”. E ele é muito querido! Entendeu? Então, muitas pessoas pensaram que eu tinha pegado o lugar dele. E eu e ele, ele ali do meu lado, sempre considerei ele um irmão. Quando eu viajava, não sei quê. “Se acontecer alguma coisa, tem minha mulher e meu filho aí”. Sempre a gente teve esse tipo de amizade. E ficou essa situação, parece que o negócio não ficou bem...

WH – Ainda está...

RS – Ainda tem gente que pensa isso. Embora eu faça reunião, sabe, embora explique. Muita gente estava usando o meu nome quando não devia usar, aquelas coisas.

WH – Como assim?

RS – Assim, por exemplo: “O Raouf disse que se você não fizer isso certo, você vai não sei quê, não sei que lá”, “O cara está chegando. Deixa botar a culpa nele!” Sabe? E aí eu tive que... e com meio expediente só, ainda tive esse problema sério. Eu não podia nem estudar para o mestrado, tanto é que eu passei com C em Matemática.

WH – Com 6?

RS – C. É o mínimo. Foi justamente nessa... e eu pedi para sair do mestrado. Eu falei: “Ó, não dá para fazer as duas coisas não!” Só que o colegiado não deixou.

WH – É até uma pergunta que eu queria te fazer. No caso, você está subordinado, ligado a uma linha da Malu, né?

RS – Malu.

WH – Maria da Luz, que é a vice da Produção.

RS – Produção.

WH – E o Toninho está ligado ao Galler, que é da vice de Desenvolvimento Tecnológico. Isso não pode criar um conflito lá embaixo de decisão, de decisões ou enfim, do que fazer?

RS – Não. Porque o que acontece é o seguinte...

WH – Por conta da diferença de hierarquia, digamos assim?

RS – Não, não teria. Não teria porque você só produz depois que a coisa é feita, ela está lá e te dão um prontuário e falam: “Olha, aqui está feito, não deu errado. Você faz”.

WH – Tem que passar pelo Desenvolvimento Tecnológico antes, isso que você está dizendo.

RS – Tem que passar. Só que no meu ver – eu estava conversando isso com o Toninho – nós vamos ter de fazer de uma maneira diferente, porque reativos não é a mesma coisa que vacina. Reativos muda da noite para o dia. Ainda mais transferência de tecnologia. Se o cara que estiver passando a transferência chegar: “Ah, mudei o tampão”. Falar para ele e não me passar “morreu o Neves”. Foi o que eu estava falando para ele, reunião de desenvolvimento eu tenho que participar e reunião que tiver da produção e transferência de tecnologia, ele tem que participar. Porque as duas têm que pensar ao mesmo tempo. Eu não posso marcar passo com ele. Ou seja, se ele tiver alguma coisa mudando que vai melhorar tecnologicamente o produto, eu tenho que saber. Ele não pode chegar três meses, quatro meses depois: “Ó, nós vamos mudar o tampão, tá?”, “Ah, mas por quê?” “Há porque há três meses, quatro meses atrás...” Eu tenho de participar que ele vai mudar, porque ele vai mudar, porque aquilo está caminhando, para não acontecer aquilo que você falou. Porque eu vou falar: “Por que eu não fui avisado antes? Por que você não me avisou que ia dar problema? Já fiz dez lotes e já estão na rua!” Entendeu o que eu estou falando? Então, quer dizer, tem que estar casado. Não é igual à vacina que tem um tempo de desenvolver, tem os pré-clínicos, tem o clínico, tem não sei quê, não sei que lá. Então, quer dizer, tem que ter várias situações...

WH – Tem a escala industrial, tem todo um...

RS – Em imunobiológico, você faz a bancada aqui, quando você passa para escala industrial dá zebra. Então tem que estar muito bem amarrado.

WH – Reagente é muito mais rápido nisso, né? A linha de desenvolvimento para escala industrial é muito mais rápida.

RS – Muito mais rápida. Quer dizer, entre aspas, né? Se você pegar o produto desde o comecinho, leva até cinco anos, um negócio desses. Mas transferência de tecnologia não. Você pega o produto já feito, só sendo transferido. Por exemplo, houve uma mudança, hipoteticamente falando, no tampão que você teria que utilizar. A própria empresa original mudou o tampão. Ela tem de avisar isso para você em tempo hábil, para que você mude o seu para liberar o teu próximo produto com essa mudança. Porque senão ela vai estar no mercado fora do Brasil já com a mudança e a gente vai estar atrás. Ela descobriu alguma coisa que não deveria ter, que estava dando alguma interferência. Então esse casamento tem de ser muito bem feito, entendeu? Porque senão alguém vai culpar alguém. [risos]

WH – Você está falando dessa rapidez com que você desenvolve...

RS – Em 96 ou 94, em um mês uma empresa mudou o teste dela cinco vezes. Cinco! Era HIV 1, passou de HIV 1 para HIV 2, passou depois para subtipo O, que deu problema, se lembra? Surgiu o subtipo O, depois não sei o quê, não sei que lá. Fez [inaudível], depois fez não sei que, fez uma confusão, sabe?! Então, imagina desenvolvimento e produção desses caras como é que estavam agindo?! Tem que ser muito bem casado. E voltando àquele ponto, isso o Toninho tem. Pessoa igual ao Toninho é difícil você ter. Até quando vocês fizerem entrevista com ele vocês vão ver a cabeça que ele tem, voltada para... porque é dele mesmo! Entendeu? Ele consegue pensar no futuro, consegue ver o passado, consegue ver o centro, consegue ver não sei quê. Agora, pessoas iguais a ele... por isso que deve ter sido

desagradável, porque agora ele está dividido, né? Com o potencial que ele tem, ele não vai poder usar, que é o lado que ele gosta, que é fazer e ver o produto feito.

WH – Finalizado. Pois é, mas eu queria te perguntar sobre isso exatamente. Eu trabalhei em uma pesquisa sobre biotecnologia em 96, tem dez anos atrás, quase dez. Era uma expectativa e o Toninho falava um pouco isso. Hoje, dez anos depois, a gente pode até fazer uma avaliação. Por conta dessa rapidez com que você desenvolve *kits* diagnóstico, reagentes, enfim, naquela época se avaliava que esse era um setor importante de crescimento de Bio-Manguinhos.

RS – E continua.

WH – Essa é uma avaliação que se fazia há 10 anos atrás. Hoje, queria saber a tua opinião, qual é a presença e o peso que esse setor de reagentes tem dentro de Bio-Manguinhos?

RS – Acho que é muito grande. Até o próprio doutor Akira, ele vem... como é o nome?

WH – Incentivando?

RS – Incentivando, dando apoio a essas transferências de tecnologia para carga viral, para CD4 e CD8, para testes rápidos. Porque teste rápido não vai só para HIV. Essa plataforma vai servir para vários tipos de patologias.

WH – Teste rápido é exatamente o quê?

RS – Teste rápido é aquele que em menos de 15 minutos dá o resultado. Teste rápido. É um teste que você não precisa utilizar equipamento.

CP – É tipo esses de gravidez nas farmácias?

RS – É um teste rápido, é alguma coisa assim, entendeu? Melhor ainda se não tiver temperaturas envolvidas. Por exemplo, se ele puder funcionar em temperatura ambiente, se puder funcionar com soro, plasma, sangue, seja lá o que for. Então, quer dizer, é uma coisa que não precisa muita...

CP – Você não precisa de cadeia de frio, não precisa de aparelho...

RS – Exatamente. Se você quiser levar para um lugar que esteja a menos 50°, que ele agüente isso. Se você tiver um acidentado, qualquer coisa, precisa operar, não sei o quê, faz o teste, tal, tal, tal. Esse da maternidade, para saber se precisa dar retroviral para criança ou não vai. Então, é uma coisa que a gente... Ele viu, ele previu, tem o Toninho por trás dessa situação toda. Isso daí é cavado, é uma coisa que ele vem cavando há muito tempo, até para produzir essa planta de biofármacos, de protótipos, biofármacos e reativos. Se tiver essa planta então... para disparar. Ainda mais Bio-Manguinhos que pega justamente os *kits* órfãos. Menos o teste rápido, né? Mas a maioria dos *kits* que as empresas não querem, Leptospirose, leishmania...

CT – Quais são os kits?

RS - Hoje nós temos imunofluorescência para Chagas, imunofluorescência para leishmania, imunofluorescência humana e canina de leishmania, temos a imunofluorescência para HIV, temos o teste rápido para HIV 1 e 2, temos os Elisa para leptospirose, para Chagas, dengue...

CT – Mas o teste rápido ainda está em processo de transferência de tecnologia?

RS – Transferência, mas...

CT – Mas já está em produção?

RS – Já. A gente já manda para os laboratórios, manda para o Ministério. Só que ele é feito ao contrário, ao invés de você produzir do comezinho para o final, a gente pegou do final para o começo. Ou seja, está na mão inversa. A gente pegou primeiro... Qual é o produto? É um tampão e mais um sabonetinho que é uma plataforma de... como a imunocromatografia por *lateral flow*. Ou seja, você pega esse tampão, pega o soro do paciente, coloca lá, pega três gotinhas, em dez minutos dá o resultado. Então, qual é a primeira fase? Produzir o tampão. Então produzimos o tampão. Qual vai ser a segunda fase? Essa montagem desse sabonetinho. Qual vai ser a outra fase? A impregnação das fitas. São fases em que nós vamos treinar todo mundo para... então é feito ao inverso: você pega o produto final para o produto inicial. Ou seja, o tampão hoje é produzido por Bio-Manguinhos, mas a plataforma, que são os sabonetinhos, é importada.

CT – E essa transferência está sendo feitas com quem?

RS – Com a Chembio que é uma empresa americana, lá em Nova York. O tampão a gente já faz. Do que é feito esse *kit*? O tampão, uma lanceta para pôr o dedinho, um band-aid, a alça coletora – essa alça é calibrada em cinco microlitros – e vem tudo num suportezinho. Então na caixa o que vai vir? Um sabonetinho que vem num sachezinho, aí vem um plástico com 20 alcinhas, outro plástico com 20 lancetas, outro plástico com 20 band-aids e você fecha ali e envia.

CT – E esses testes já estão sendo realizados em laboratórios.

RS – E maternidades, a maioria já tem.

CP – Esse é o único teste rápido?

RS – Não! De Bio-Manguinhos?

CP – É.

RS - De Bio-Manguinhos é, mas no mundo tem vários testes rápidos.

WH – Mais a expectativa é trazer outros, não é?

RS – Vamos usar essa plataforma que a gente já tem para outras sintomatologias.

WH – Desenvolver outros...

RS – Exatamente. Já tem vários encaminhamentos.

WH – Têm alguns em desenvolvimento aqui em Bio-Manguinhos ou vocês estão trabalhando com transferência de tecnologia?

RS – A maioria é com transferência de tecnologia. Teste rápido.

WH – Isso, eu estou falando de teste rápido! Você sabe se tem, na área de desenvolvimento, pesquisa para desenvolvimento de testes rápidos aqui?

RS – Não, está só como transferência de tecnologia.

WH – Por exemplo, mesmo nessas doenças órfãs que você está falando.

RS – Exatamente. A gente tem as proteínas, envia as proteínas...

WH – Chagas, dengue, que não há interesse nos laboratórios em produzir *kits* diagnósticos. Está se fazendo pesquisa para desenvolvimento de testes rápidos?

RS – Nós estamos. Junto com a Chembio, junto com outras empresas. Por exemplo, leptospira... eu não sei nem se pode falar! [risos]

WH – Como?

RS – Eu não sei nem se pode falar! Por exemplo, para leptospirose. Foram enviados para duas ou três empresas para eles tentarem fazer um protótipo. Para gente fazer o mesmo feitiço, dão um protótipo para gente, a gente vê se funciona e tal, tal, tal, tal. Aí vê o resultado: “Está legal, está bom”. Aí depois fecha, tipo uma transferência de tecnologia, porque eles têm a plataforma. Então, quer dizer: “Deu certo? Ótimo, então vamos sentar e ver como vai ser feito isso”. Não é à base de troca, nós pagamos e tal, isso é por área de venda. Divide o mundo assim, ó: “Daqui para cá você vende”. O cara tem o filão dele lá...

WH – Quer dizer, não tem como vocês desenvolverem sem...

RS – Não, porque tudo em desenvolvimento é de cinco a dez anos. É aquilo que você falou.

WH – Você falou uma coisa que eu estou achando interessante. Você fala dos protótipos, né?

RS – Isso.

WH – Eles têm o protótipo.

RS – Quem já faz o produto, por exemplo, eu faço esse produto aqui.

WH – Mas quando vocês transferem tecnologia vocês não recebem isso também?

RS – Não, a gente ainda não recebeu. Porque a gente fez ao contrário.

WH – Ah, entendi! Quando vocês chegarem lá no começo.

RS – A gente vai saber fazer.

WH – No fim do processo, quando vocês chegarem ao começo.

RS – Mas é daqui a três anos. A gente quer o produto agora! O que a gente quer fazer? A gente quer casar as informações, para quando chegarem aqui todas as patologias que nos interessam... eles já passaram essa fase e essa fase interessante que seria faz para tudo. Então, quer dizer, na hora de... esqueci agora o nome... Mas na hora dessa fase você vai fazer... tanto para HIV como para Chagas, como para leptospirose, como para leishmania, porque é uma fase só! Então, quer dizer, a transferência para fita... ou de peptídeo, ou de proteínas, de alguma coisa assim. Vai ser tudo para mesma coisa. Só que o protótipo já está fazendo, está dando resultados positivos para gente. Só mudando uma coisa ou outra, ou seja, lá no tampão, ou seja, na fita, ou seja, no processo, entendeu? Então, para a gente é melhor vir ao contrário do que você chegar de lá do começo até aqui, porque a gente tem de fornecer primeiro...

WH – Biofármacos, acho que fazendo assim também, né?

RS – Exatamente. Porque você vende para o governo a um preço mais acessível e com um lastrozinho para você implementar tua fabricação. Esse lastrozinho dá um quantitativo para construir, comprar um equipamento, construir uma fábrica, pelo montante que é gasto. Esse teste rápido é uma economia para o governo de pelo menos U\$ 500 mil, cada licitação dessas. U\$ 500 mil de economia dá para você montar um laboratório.

CP – Você falou que vocês estão com essa plataforma. Essa plataforma está sendo acrescida para incorporar...

RS – Usando essa plataforma a gente pode incorporar para outras patologias.

CP – Mais uma vez uma pergunta de leigo: em que consiste essa plataforma?

RS – Essa plataforma é um sabonetinho de motel – o nome é sabonetinho mesmo. É um sabonetinho onde você abrindo, cortando ele no meio, se abre. Então ali dentro tem uma fita, o que essa fita faz? Uma imunocromatografia com o fluxo lateral. Ou seja, você pinga aqui uma gota, aí junto com o conjugado impregnado ali e tudo mais, com peptídeo, junto com soro do paciente vai fazer uma marcação. Fala sabonetinho por quê? Parece é um sabonetinho mesmo, entendeu? Eu acho que tem um aqui, deixa eu te mostrar. Só um instatinho.

[trecho gravado somente em formato digital]

CP – Quer dizer, o que você chama de plataforma é esse kitzinho aqui?

RS – [mostrando o kit]. Exatamente, ela é assim. Está vendo? Vem um sabonete, vem um tampão, vem a lanceta e a alça coletora.

CP – Tampão que você fala é isso?

RS – É esse aqui que tem esse produtozinho aí no meio, que é para justamente para diluir, fazer a amostra carrear por essa superfície dessa membrana de microcelulose.

CP – E aí eu fiquei pensando, quer dizer, esses testes rápidos...

RS – Quer ficar com isso aí para alguma coisa?

CP – Eu queria depois.

RS – É até legal.

CP – Esses testes rápidos hoje eles são mais ágeis, né? Além de ser um negócio legal para saúde pública, para atender rapidamente, isso é um mercado muito grande, não é? Você tem noção do...

RS – Não, a economia do Ministério é de U\$ 500 mil. Num produto só.

CP – Num único produto. Agora, vocês vendem a U\$ 500 mil menos do que a concorrência internacional?

RS – Exatamente.

CP – Porque nesse acordo que vocês fizeram...

RS – Tem um valor abaixo, mas, ao mesmo tempo, um valor que dê para Bio-Manguinhos também incorporar tecnologia. Porque não adianta você só virar um *delivery*. Eu pego e te entrego. A gente quer fazer dinheiro, quer produzir e usar para outra tecnologia, para outra patologia. Leishmania, leptospirose, Chagas. Já pensou você com um teste de leishmania canina, por exemplo, chega lá, colhe no cão, vê ali na hora, positivo ou não. Acaba aquele mistério, aquele negócio todo: sacrifica, não sacrifica. Entendeu? Então tem áreas aí em que você gasta um quantitativo enorme, até pelo lado psicológico para o dono do cão: “Olha, vou ter que sacrificar o teu bicho porque ele está contaminado com leishmania canina”. Entendeu? Então você já vê.

CP – Agora, existe um mercado, empresas disputando esse mercado?

RS – E fortes.

CP – E fortes. Como é que vocês entram nisso? Que tipo de acordo, que tipo de pressão vocês receberam ou que tipo de acordo vocês têm com o produtor original? Porque ele também abriu mão desse mercado, não é isso?

RS – Não.

CP – Você pegou a fatia, passaram para vocês.

RS – Essa área não é minha. Mas como eu fiz parte um pouco dessa situação, eu sei que foram enviadas cartas de colaboração para várias empresas. Então apareceram duas ou três empresas. Uma que queria vir só para ver como é que era a situação e outra que vem interessada em fazer a transferência. Por quê? Primeiro porque não tinham mercado. Então você imagina um mercado certo que é o Ministério da Saúde, comprando um volume certo todo ano, podendo aumentar e tudo mais. Começando com 300 mil, podendo chegar a 1 milhão ano. E ele, no final de tudo, ganhou, depois é a transferência.

CT – Ah, então a transferência de tecnologia após totalmente...

RS – Tem um período... como qualquer transferência de tecnologia é feita assim. Você tem que ganhar alguma coisa, você está passando... Só que a pessoa também pode vender para fora. Então divide o mundo de novo, para a América do Sul, para o mercado brasileiro você vende. Lá fora eu que vendo, não sei quê, não sei que lá. Existe um acordo, né? Então o que é que acontece? Imagina aquele que não consegue entrar porque já existe um concorrente forte, que trabalha junto com o Ministério da Saúde, mas que o preço é tantos dólares por teste. E você consiga vender um produto bom, da mesma qualidade onde o preço... sei lá, é US\$ 1 dólar a menos. Estou dando um exemplo. Isso é uma economia. Além do mais o Ministério da Saúde precisa de Bio-Manguinhos para produzir um produto parecido com aquele e, ao mesmo tempo, abrir um leque para as outras patologias. Esse é que é o *boom* da história: você abrir um leque para outras patologias. Você pega a transferência de uma coisa que você não conhece para outras coisas que vão te facilitar muito.

CP – Mas ao fazer isso algumas empresas foram desalojadas desse mercado.

RS – Aí elas vão concorrer com você! Vão ter que dar um preço mais baixo, e não dão. E o Ministério sabendo que você tem aqui, é do Ministério, é mais barato e é para você mesmo, para o país. Então tem tudo para... para que comprar de fora se dentro tem? Tem umas coisas sim. Comprar de fora se já tem uma coisa dentro é até, como é que eu vou dizer, redundante pagar mais caro o produto que também...

CP – E aí por esse acordo Bio-Manguinhos pode vender para o Brasil, para outros países da América do Sul?

RS – Alguma coisa assim, aí eu já não tenho certeza. Mercosul, alguma coisa assim. Ou então até de disputarem o país, quem tiver o preço mais baixo.

CT – Eu acho que a gente faltou falar sobre o mestrado, que você já falou que foi um sofrimento.

RS – Continua sendo.

CT - Mas a gente queria falar um pouco sobre a criação desse mestrado. Qual é a intenção dele? O que você percebe na intenção da criação dele? Já tem uma turma formada, não é isso?

RS – Já tem uma turma formada.

CT – Que tipo de condições trouxe... a primeira turma foi de chefias, né?

RS – Não, chefia não. Porque tem, a maioria foi de chefes, entendeu? A maioria foi de chefe, mas teve muita gente que não era chefe e passou. Porque é um concurso, tipo um concurso aberto onde tem entrevista, currículo, prova de inglês, papapá, papapá. Ao meu ver, qualquer coisa que se fez... imagina, numa área de produção que para você ter um mestrado em área de produção é difícil, voltado para produção. Então, acho que é tudo para qualificar o funcionário. Ou seja, se o cara for fazer um mestrado aí fora, ele vai voltar para o Desenvolvimento, ele não vai voltar para Produção. Entendeu? Então esse nosso mestrado profissional é a qualificação para o funcionário mesmo. É fazer com que ele abra até... No meu caso foi o contrário. Imagina o que eu dei há 20 e poucos anos atrás de Bioquímica e que estou dando de Bioquímica agora! Para mim foi até um... foi quando na minha entrevista eu falei com o doutor Akira... Ele foi fazer a entrevista em francês já que eu sei falar francês fui fazer a minha entrevista em francês. Foi ele. Foi o que eu falei para ele, foi uma oportunidade única de uma pessoa de uma área de produção fazer mestrado. Onde estaria qualificando o seu funcionário e além do mais estaria dando para você se atualizar. “Pô, fiz Veterinária, terminei em 78”. Então você imagina, fisiologia, bioquímica, virologia, bacteriologia, micologia, as coisas que mudaram. Bioquímica então, parece: “Ué, não é mais assim não?!” Muita coisa foi evoluindo. Tanto eu quanto os outros profissionais que fizemos a primeira turma, saímos super realizados. Ainda mais que sai todo mundo mestre.

CT – Como é que você faz com a produção?

RS – Muita gente quer fazer porque ninguém quer deixar de ser, todo mundo quer ser agora. Para todo mundo ficar no mesmo patamar. Então todo mundo... garanto que a terceira turma vai ser também... sabe, uma grande quantidade de gente também se inscrevendo, até chegar ao ponto que eu falei: vai ser todo mundo, vai montar o doutorado profissional. [risos] Não sei nem como isso vai poder ser feito, mas vai ser o futuro, entendeu? Não sei nem quando vai ser isso, mas algum dia vai ter que ser, porque todo mundo vai estar com nível de mestrado. Mas acho que isso para a empresa, a área de produção, se você for olhar para trás, vai dizer assim: “Eu nunca acreditei que poderia ter o mestrado, só o acadêmico”.

CT – Como ele se realiza então? É em convênio com...

RS – Outras unidades.

CT – Outras unidades.

RS – Tem com do IOC, tem com do Fundão, tem com da COPPE, tem de Brasília, tem professores de várias áreas, de vários locais e até matérias optativas de outras áreas que você

pode escolher. Então você tem que fazer tantos créditos eletivos e mais tantos optativos. São 14 optativos, mais 35, eu acho. É crédito pra caramba! [risos]

CP – Bom, eu acho que a gente meio que esgotou o nosso roteiro. A não ser assim, você tem alguma coisa que a gente não tocou que você acha que merece ser falada?

RS – Eu acho que para dar sentido em tudo isso aí que a gente falou, vocês um dia vão ter que falar sobre a reestruturação de Bio-Manguinhos. Porque senão não vai dar como isso tudo, sabe? Por exemplo, eu falei: “Eu não sei quem vai ficar comigo, quem não vai ficar. Quem vai ficar na área de Produção e quem vai ser de Desenvolvimento”. Entendeu? Vocês ainda não fizeram com o Toninho, vocês devem fazer com o Toninho.

CT – O Toninho já tem uma entrevista nesse projeto que a Wanda fez. A gente está pegando a entrevista para avaliar...

RS – Mas eu achava legal fazer uma depois.

CT – É, mas a gente quer ver o material para avaliar...

RS – Muitas coisas que eu falei na dele vão ficar muito melhor. Ele vivenciou essa parte do programa. Nessa história de Anvisa, ele está até hoje. Eu estive na parte embrionária da coisa. Então deve ter muita coisa na matéria dele que dê para preencher muito melhor essa parte do que a minha fala. Menos aquela da bolsa, que realmente é aquilo, eu fui o primeiro a mexer com aquela coisa. Eu não sabia como mexer com aquilo... Não que contaminasse, mas 250 ml, 300 ml com uma coisa... HIV positivo [risos] e eu com aquele negócio tendo que abrir aquilo, botar a mão num frasco, recalcificar sem acidente nenhum, entendeu?

CP – Mas essa parte da reestruturação a gente vai entrevistar também o doutor Akira, vamos entrevistar o Marcos Oliveira. Nós entrevistamos o Artur, a...

RS – A Malu, né?

CP – A Malu.

RS – Essa virada entre o João Quental, Malu, Marcos Oliveira e depois o doutor Akira. Esses três elos são muito importantes para Bio-Manguinhos.

CP – É, o João Quental está na nossa lista, o Otávio Oliva também está. A gente vai pegar todo mundo que já esteve à frente. Agora, fora a reestruturação, você vê algum outro aspecto que a gente não tocou?

RS – Não, acho que reestruturação... Porque todo Bio-Manguinhos foi dando uma mexida do ano passado para cá. Então acho que era legal.

CP – Então eu tenho uma última pergunta para te fazer. Qual é o futuro do teu setor em termos de mercado?

RS – Biologia molecular.

CP – O que é que ameaça? O que pode ser um risco e o que pode ser um caminho?

RS – Caminho: Biologia Molecular, teste rápido. O que ameaça: a gente dormir no ponto.

CP – E como é que entra a Biologia Molecular?

RS – Em todos os diagnósticos envolvendo PCR, carga viral, entendeu, todas essas coisas. Biologia Molecular mesmo e testes rápidos. E outra coisa: não dormir no ponto. É aquilo que eu estava falando: o desenvolvimento nessa área vai ter que ser muito forte, vai ter que ficar “linkado” com o que está acontecendo no mundo. Ligado a centros importantes, entendeu? Porque eu devo ao Desenvolvimento. O que o Desenvolvimento fizer, eu faço. Agora, se o Desenvolvimento não andar, eu não ando. Porque é aquela história, você fica devendo ao trabalho de alguém. Alguém vai ter de fazer para mim o protótipo para vir da escala de bancada para a Produção saber se está funcionando.

CP – E você acha que...

RS – A tecnologia. Acho que a maior ameaça é a tecnologia, você não acompanhar a tecnologia. Estar um passo à frente. Eu acho difícil. Pelo menos pareado você tem que estar.

CP – Você acha que a unidade está caminhando nesse sentido?

RS – Está.

CP – De estar atendida com essas coisas? Está acompanhando o desenvolvimento, investindo?

RS – Está investindo. O problema maior que eu acho, é o futuro na questão de, por exemplo, ter vários doutores Akiras. Porque como é cargo político, você nunca sabe quem é que vem pela frente. Se for alguém que tenha visão de...

CP – Longo prazo?

RS – Longo prazo. Dr. Akira sempre fala de cinco a dez anos. Ele vai sempre estendendo de cinco a dez anos. Nós somos um cargo político, a direção. O meu é cargo político. Então depende muito de quem entrar. Se vier alguém: “Não, os reativos... vamos só fazer vacinas”. Então, quer dizer, é uma ameaça política. A outra ameaça é a tecnologia, você ficar parado. E o futuro é mesmo a Biologia Molecular.

CP – Está bom, né?

CT – Obrigada.

RS – Qualquer dúvida, vocês sabem onde me encontrar.

CP – Provavelmente. Não, se a gente tiver alguma dúvida...

RS – Essa parte do desenvolvimento eu acho legal vocês verem com Toninho, porque realmente eu fui muito embrionário mesmo.